para todos...

num. 700. rio de janeiro 14 de maio de 1932.

1$500

700

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A *pasta „Odol“* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O *liquido „Odol“* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A.-G.
Dresde
Rio de Janeiro

Para todos...

Directores —
Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

ASSIGNATURAS
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º
End. telegr.: "Paratodos"
Telephone: 2-9654

EXPEDIENTE

Convidamos os snrs. abaixo a comparecerem á gerencia desta revista, afim de regularisarem seus compromissos:

E. de Minas:

Lopes, Irmão & Cia.	Bello Horizonte
Sarpa & Cia.	S. João del-Rey
Miranda & Cia.	Sabará
Pedro & Oliveira	Ouro Fino
Antonio Costa	Sete Lagôas
A. Ferreira Gomes	Conceição do Rio Verde
Pedro de Souza Mendes Filho	Dôres de Indayá

S. Paulo:

José Werneck Filho	Salto Grande
Modesto Carone	Sorocaba
Capalbo & Furniel	Jaboticabal

Rio Grande do Sul:

José Cuetos	Uruguayana

E. de Goyaz:

Euclydes Demosthenes Lobo	Bomfim

ESTA FAZENDA DESBOTA? PASSO!

E "passa" muito bem, gentil Senhorita! De uma fazenda que não seja de côres resistentes nada se pode fazer que valha a pena; nem mesmo um trapo para limpar moveis! Quem nos affirma que as côres não acabariam manchando as tapeçarias das poltronas e divans?

Os seus vestidos de soirée, de passeio, de casa, etc., devem sempre ser feitos com fazendas tintas com corantes

INDANTHREN

de insuperada resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

A etiqueta registrada Indanthren garante que os tecidos e fios foram tintos com estes famosos corantes.

Indanthren

VOLTA

O trenzinho asmatico desceu a serra alegremente, tossindo nas estações, emquanto os pregões dos vendedores ambuantes repercutiam insistentes e monotonos.

Jaguarihaiva. Sorocaba. Os soluços do vagão embalam. E' a mais admiravel das berceuses. As revistas e os jornaes cochilam nas mãos moles dos viajantes. Um italiano gordo ronca debaixo de um raio de poeira vermelha e luminosa que dansa ao sol. Ha uma invasão de crianças, uma matrona e um senhor amarelo. Viajantes abrem um olho irritado. Mas os soluços embalam. Uma das crianças perde um dedo dentro do nariz. Acha-o de novo. Perde-o ainda... Os soluços... Os solu...

E' um film americano. O bandido mascarado pucha o revolver e atira. Fujo. Não ha outra solução. Atravesso um rio dentro do cano da espingarda, milagrosamente elastico. O bandido de um salto me alcança. Como é longe a delegacia de policia! Corro, corro. O bandido corre mais. Eil-o porém que pára, treme e volta para traz amedrontado. Que pena, agora que já avistava um guarda-civil.

— São Paulo!

O chefe do trem me acorda.

SERGIO MILLIET

Garímpeíros

Herman Lima

TODOS os domingos, pelo quebrar da tarde, no trote leve das mulas castanholando alegremente os cascos ferrados pelas pedras da rua, Zé Felicio entrava com a tropa ligeira pela cidade.

Pelo caminho, de passagem, ia saudando os conhecidos que palestravam pelas calçadas, em grupos descuidados, garimpeiros contando coisas do serviço, bruaqueiros chegados antes e arranchados já.

Carregamento certo de toucinho do bom, que êle trazia da sua roça a quinze leguas, para a feira semanal. Descarregados os animais, empilhava a mercadoria no meio da praça, ia soltar a tropa na *manga*, regressando pela noitinha, com as primeiras sombras encapuzando os cimos da serra negra. Mais pela noite, armando a forquilha sobre as pedras do fogão rustico, pendurava a lata da agua para o café e o feijão depois, para o almoço no outro dia. Como não fosse muito amigo de prosas, preferia em seguida, si era tempo de verão, estirar-se logo no couro fresco, após o jantar de carne de sol e pirão de feijão trazido de viagem, no fartel.

No outro dia, a balburdia da feira vasta, com as barraquinhas de lona armadas a toda a largura da praça, os garimpeiros *fazendo o saco* pachorrentamente, por conta dos fornecedores, e os chefes de familia andando de um lado a outro, por entre os lotes de carne de sol, toucinho, rapaduras e cereais espalhados no chão, sob o enxame de moscas zumbidoras. E os capangueiros, de permeio, á caça da *mercadoria*. Dia grande, zunzum de colmeia gigante, na vida mais viva da cidade.

Isso havia já um tempo sem conta, a ponto de formar o Zé Felicio figura obrigatoria na feira grande.

Bôa mercadoria a sua, quasi nunca encostava, de modo que na terça-feira estava de volta com os animais lisos, e o lucro certo na algibeira.

Fôra assim até aquela *influencia* do Ribeirão.

A serra então estava *dando* como nunca se vira. Raro o *camarada* ou *meia-praça* que passava uma semana sem *pegar*. Todos os sabados a porta do nicho do Senhor dos Passos refulgia de velas votivas como um altar, emquanto foguetes potentes riscavam o céo, em ação de graças pelo *bamburrio*. E tudo *fazenda fina*, diamantes esplendidos, de *primeira agua*, com bocados de sol e de arco-iris dentro.

Todos os dias aumentava o numero de *sociedades* novas, que partiam para a exploração famosa — até mulheres e meninos, limalha humana carreada pelo iman eterno da cobiça.

Na cidade, semanalmente havia caras estranhas, pedristas estranjeiros, exoticos e ruivos, ingleses, polacos e holandeses, acorridos tambem pressurosos á nova magnetica.

A feira vasta

Uma derrama de dinheiro pelo comercio. Negociantes ambulantes, alugando velhos comodos bolorentos, havia muito de portas cerradas, expunham artigos vistosos e novidades da moda. Tropas luzidas de caixeiros viajantes atravessando as ruas, em estardalhaço alegre, no retinir dos guisos da *madrinha*, com o rebate das ferraduras no calçamento. Um circo á noite, regorgitante. Ranchos de raparigas forasteiras, em alvoroçadas farandulas, pelas ruas. Uma *baderna* incessante nas casinhas da rua dos Negros e no *Alto da estrela*. Uma vasta alegria, uma fartura feliz por todo o canto, resplendente.

Impossivel a Zé Felicio resistir á tentação. Por varias semanas, durante a feira, a visão dos garimpeiros bamburrados exibindo o maço de notas graúdas, para paga de ninharias. O constante recrudescer da animação local pela *influencia*. A doida excitação de lucros fabulosos pintada em tudo. O assunto, unico nas conversas. "O João Nunes *pegou* um *querosene* que é isto: seis quilates pelo menos". "O Braulio bamburrou ontem: mais de dez pedras, em tres sacos de cascalho". "O Venancio, que estava infusado ha seis meses, comprou indagorinha aquela casa da rua dos Papagaios para a Jandira, já sabe?"

Que diabo! Era verdade que êle não podia se queixar da sorte. Os negocios toda a vida lhe correram bem. Mas, quem sabe si a sua felicidade não estava tambem no garimpo, como a de tantos mais?

Na outra semana, trouxe a carga maior, tendo arranjado o que pôde na roça distante. *Encostando* a mercadoria, como era certo, pô-la de sua conta na venda do Serafim, junto á praça. Os animais ficaram na *manga*, longe da cidade, de aluguel mais baixo. Fez o *saco* pela primeira vez, na alvoroçada emoção da resolução nova. Não pedia conselhos a ninguem. E ao outro dia, de bateia á cabeça e ferramenta ao ombro, com o farnel, rumou á serra. A custo arranchou-se numa *toca* varrida de ventos, quasi ao descampado. *Bruaqueiro no garimpo*, cheio de orgulho, pensava bastar-se para tudo no serviço.

O que foi o seu trabalho no primeiro mês mostrava-o o dinheiro do toucinho, que lhe ficára na feira, todas as semanas, para o *saco*.

Afinal, *infusou*. Nem mosquito de polmo, tanto tempo. Teimoso sempre, lá se foi a barganha da primeira mula. Outra seguiu-a. Mais outra, depois. Até a ultima.

Em vão buscava deter-se, no meio da rampa traiçoeira. A miragem fascinante escravizava-o.

Dentro de seis mêses estava arrasado.

Como um demente, a barba crescida, a face funda, os olhos chispeantes, a ossatura á vista dos rasgões da roupa, surgia no comercio de corrida. Fugia dos conhecidos, num pudor invencivel da sua desgraça. Quando a miseria o premia de todo, vinha sempre assim, noite feita, abalando da serra como um ladrão, para a casa de um amigo antigo, na suplica de novo auxilio, para dois ou tres dias mais de luta.

Depois sumiu. Nunca mais o viram na cidade. Na serra, igualmente, não se sabia dele. Tambem no turbilhão do arraial fragueiro, em meio á turbamulta de garimpeiros possuidos todos pela *sacra fames*, uma ausencia dessas não era de notar. Nada mais natural que houvesse regressado á roça abandonada, após a falencia de todas as esperanças.

Daí a surpresa do Antonio Casemiro, vendo-o surgir em plena toca, emquanto fazia a sesta ao abrigo da hora ensolada.

Chegou esgrouviado e tragico, os cabelos em profusão sobre a testa, a roupa em tiras, vermelhando de cascalho, a cara livida e o beiço a tremer nas palavras gaguejadas que lhe espoucavam á boca.

A torrente de dores, na confissão penosa e triste, mastigada de soluços. Abatido no chão, sobre a lage fria da toca, ao pé do garimpeiro compungido, a cabeça entre as mãos crispadas, Zé Felicio clamou em longas queixas toda a sua desdita longa.

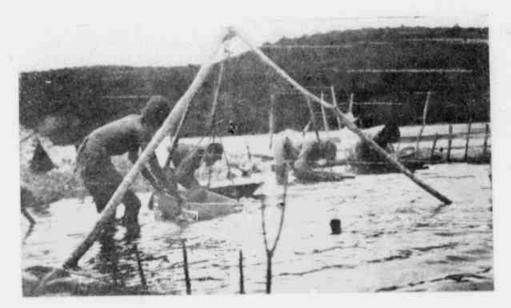
Impossivel continuar daquele jeito. Ha tres dias, a bem dizer, que não comia, desde o ultimo *furo* no comercio. Já não tinha mais a quem recorrer. Todos lhe fechavam a cara. Tambem infusado assim era impossivel! Da familia longe nada sabia, o que era talvez até melhor. A pobre da mulher, com os dois filhinhos tão pequenos. Êle não podia tambem volver naquele estado, pois jurára aos parentes só regressar com a fortuna. Como iria apresentar-se naquela miseria faminta, após o desbarato de todos os seus trens?

Por Deus que não sabia como ainda resstia, sem se atirar de vez num dos *canalões* da serra, para acabar com tanto sofrimento.

— Depois, seu Casemiro, o peor é que eu tenho toda a fé num serviço que descobri. Tudo me mostra a minha sorte nele. As *informações* são as mais certas. Até sonhando, estes dias, vejo, como estou vendo este chão, o *veio* rico. Por isso é que aguento esta desgraça ainda, eu bem sei.

Antonio Casemiro apiedou-se. Não precisava estar passando aquela privação. Que diabo! Tambem a gente ha de servir neste mundo ao menos pra ajudar um companheiro. Doravante ele viesse almoçar e jantar com ele, até dar um jeito na vida. Onde come um, comem dois. O carumbé chega pra isto. Até você *pegar* — ajuntou, num sorriso bom, de augurio sincero.

Todos os dias, então, o rapaz buscava a toca do garimpeiro generoso. Era timido e contrafeito que se apresentava, sempre na tristeza daquele vexame. Logo, porém, se refazia, na cordealidade ambiente, porque o amigo era tão bom, que não só êle como os socios, todos o recebiam sempre com alegria, pedindo interessados noticias do serviço.

Serviço de rebaixo

Ralando cascalho na agua

Um dia não o viram chegar para o almoço. A' noite, tampouco apareceu. E já o sol andava alto, quando Casemiro, um tanto arredado dos companheiros, resumindo um cascalho apanhado na vespera, viu-o surgir de repente, á beira do poço.

Estava branco como um defunto.

Um defunto fugido do caixão. A péle seca, cinzenta e farinhenta, com a poeira da sepultura desfigurando as feições tocadas pelo dedo da morte. Os olhos duros, parados, gritando coisas do outro mundo. E a face repuxada num ricto doido, tetanizado, que lhe mostrava a dentuça toda, na marca forte da caveira.

Acercou-se, cambaleante e misterioso, os gestos presagos, revistando a um lado e outro os arredores.

Tinha o corpo apenas vestido num resto de calças rotas, que lhe cobriam mal as coxas. A camisa em tiras sumira, para deixar a mostra, inteiramente, o pobre arcabouço descarnado de Christo na cruz.

Sem uma palavra, num aceno breve, piscando um olho, chamou o outro para um canto, abrigado numa reintrancia da muralha proxima.

Casemiro seguiu-o alarmado, julgando-o louco de todo. Mirando-o muito, solerte, agachou-se ao seu lado, no lagedo escaldante do solo, os dois num silencio gravido.

Então o maltrapilho retirou do bolso da calça velha um retalho da camisa negra de terra. Pôz-se a desfazer-lhe uma série de nós apertados, devagar. Calado, sempre. E aos olhos do outro, varado de assombro, exibiu de golpe um punhado de pedras estupendas.

Um momento de pasmo estatelado no jeito de um, deante da alegria que fuzilou nos olhos do outro.

Depois, num modo lento de profissional, já refeito, Casemiro, solenemente, foi tomando as pedras, uma a uma, olhando-as contra a luz, com vagar, a todas as faces. Punha-as na palma da mão aberta, sacudindo-as, a calcular o peso. Marcando a qualidade de todas elas, uma a uma.

— Sim senhor! Êle vira já muito *bamburrio* doido, nos tempos bons do Chique-Chique e Mucugê, quando a cada mergulho no rio o *camarada* enchia o chapéo de cascalho, para sair depois catando as pedras a dedo. Mas assim! *Metal* daquela marca! Verdadeira *capanga* escolhida a capricho. Partida de achar comprador de olhos fechados.

Zé Felicio, que se recostára na pedra, num grande e geral deliquio das suas forças fugitivas, semicerrava os olhos, sorrindo feliz e manso, mais descarnado e branco ainda, si possivel. O outro nem o olhava mais, no alvoroço da partida sensacional.

Quando findou o exame detido, ficou ainda um trecho a contemplar na palma da mão em concha, amorosamente, o tesouro faiscante, que o sol feria em rutilações de maravilha.

Pô-lo no bocado de pano sujo como um escarneo áquela riqueza brutal entregando-o ao dono, em seguida. Não perguntou nada, não quis saber de nada. Mas só então notou o aspecto miseravel do rapaz, assustou-se.

— Óxente, companheiro! Que é isso? Parece que você deu na fraqueza, com o bamburrio?

O outro acentuou o sorriso mole, num vergão macabro de fantasma. E num fio de vóz confessou:

— Ai, seu Casemiro. Você nem sabe. Eu estou que não posso mais. Desde o jantar de anteontem estou em jejum até agora!

Casemiro não quis ouvir mais nada. Largando o serviço, calado, aflito, ajudou-o a erguer-se, porque o pobre arreara de todo. Levou-o á toca. Pô-lo no girau. Num momento lhe metia pela boca um gole quente de café. E espertando o fogo pôz um naco de xarque para assar.

Foi ao fim da comida valente, que o bruaqueiro começou a falar, sem que o outro lhe fizesse uma pergunta sequer.

Aventura danada, de arrepiar as carnes, assim narrada a frio pelo herói singelo.

Aquele *serviço*, completamente virgem e de todo inconcebivel, ha muito lhe vinha mexendo com o coração. Tudo lhe dizia que a sua sorte estava ali. Ia, vinha, *faiscava* pelas redondezas, *cateava* aqui, *mexia um batido* acolá, mas o convite grande e gostoso estava ali, naquele *canalão* impossivel. Um buraco danado, entre dois paredões a prumo, abrindo numa guela negra de boqueirão do inferno, que ninguem se lembraria nunca de violar. Afinal, resolvêra a cartada. Cansado já de infusar em quanta *gruna* e *grupiára* remexêra, sem jeito mais de viver depois de tanto infortunio, marcára o golpe derradeiro, como quem se atira na morte resoluto. Rondando o abismo como bicho perseguido, acabára descobrindo sob touceiras de mato grosso, um *engrunado* terrivel, que ia dar lá no fundo!

Gastára um dia e tanto, para ir e voltar.

(Segue adeante)

O carumbé fraternal

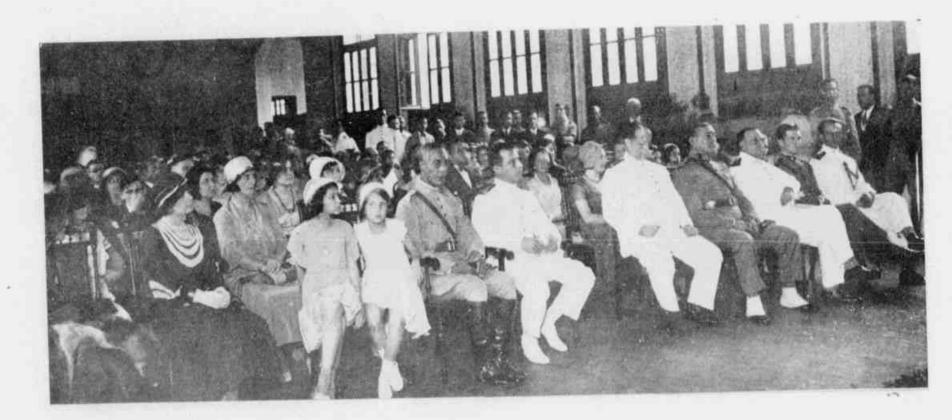
"Para todos..." esteve:

na inauguração da secretaria da Casa do Estudante;

na festa do Calouro, que foi alegrissima;

na solemnidade de domingo no Centro de Preparação de Officiaes de Reserva

Joaquim Nabuco e Graça Aranha

Joaquim Nabuco aos 60 annos

NO cemiterio de São João Baptista, sobre a terra que cobre o corpo de Graça Aranha, vae ser levantado um monumento. Para aquelle espirito purissimo, a mórte era um accidente, uma transformação, a liberdade emfim attingida. A pedra votiva que o recordará aos transeuntes da cidade silenciosa não será um tumulo. Ha de ser um marco, contando que Graça Aranha, vivo em amor em todas as intelligencias do Brasil, descansou alli da viagem maravilhosa que fez pelo mundo, onde deixou, esparsas, a poesia alta, a meditação profunda, a esperança intacta atravéz de tudo, a alegria sem fim de imaginar e renovar...

Publicamos nesta pagina trechos de algumas cartas de Joaquim Nabuco, escriptas a pessoas intimas e ao proprio Graça Aranha. São documentos da Fundação Graça Aranha. O primeiro trecho foi enviado nas vesperas da partida do escriptor da "Esthetica da Vida", da Missão Nabuco, para o Brasil.

23-9-03

5 horas

"O Brasil é a nossa terra e quanto a elle a fonte da sua inspiração. O meu desejo é vel-o brilhar com a sua luminosidade maxima, fazer o nome maior, ou antes, mais duradouro possivel. Se a saude se mantiver, o futuro é delle. Elle é chefe de escola, tem o dom de attrahir, de fascinar, de tornar-se centro, e sel-o-ha.

Custa-me a separação, mas é inevitavel, desde que as disposições do Rio Branco são as que diz o Domicio. O Carlos de Carvalho adivinhou n'elle a aguia ainda sorridente e timida. Elle, porém, deve aspirar a tudo. Só por falta completa de imaginação não o aproveitam na America Latina e não disputam uns aos outros "a honra" de o collocar em posição vantajosa e lhe permittir expandir-se, reflectir-se e crear.

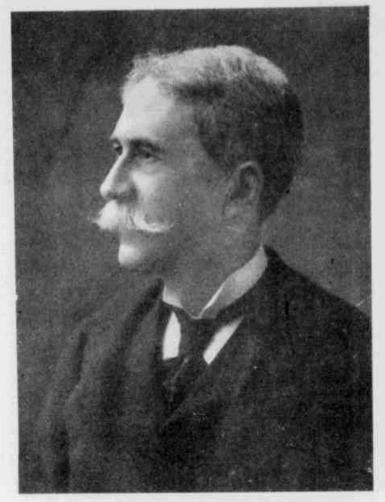
Desejo-lhe um desembarque feliz, independente, desannuviado. A nobreza d'alma n'elle é capaz de grandes reacções e resistencias, de transformar os golpes da fortuna em titulos da unica fidalguia que elle reconhece, a do soffrimento pelo amor, pelo dever, pela aspiração humana, mas eu sei que o organismo physico é n'elle d'esses que só se expandem com a felicidade e que elle precisa "tanto" ter o coração sempre livre e dilatado como ter os pulmões no ar puro. Sentir novamente o contacto da nossa terra, da mãe, da familia, dos amigos e verificar a popularidade do nome que fez de repente (Chanaan) a admiração dos moços sobretudo, para os quaes é um iniciador, será tudo um tonico poderoso, que lhe havia de fazer bem em todos os sentidos; ir porém, sem nenhuma garantia, é expor-se a decepções que poderiam abalal-o.

Londres, 5 de Janeiro 1905

Antes de tudo os nossos mais felizes votos de Anno Bom. Sabe, que sua felicidade é hoje parte da nossa.

Quanto a nós dois particularmente nada em minha vida me parece tão generoso da parte da Providencia como a sua amisade. Ella foi para mim uma renovação das fontes da vida, isto é, da esperança, e a bella efflorescencia do seu espirito é para mim como que uma segunda mocidade intellectual. Isto diz tudo; o nome é seu, o gozo é meu.

Wts. 27 de Junho 07

Suas cartas são raras, mas são um grande prazer da minha vida. Cada vez sinto mais a sua ausencia, a nossa separação. Custa-me passar a ultima quadra tão longe de uma amisade como a sua, de um espirito em cujo contacto me rejuvenesce...

..Hoje minha aspiração mais forte é passar um bom anno em sua companhia. Sua presença ao meu lado seria para mim uma grande economia de forças, ou, senão, uma constante renovação dellas. Onde, porém? Quando? Como? Em todo caso revelei-lhe o meu mais intimo desejo.

Washington, 21 Nov. 1906

Não sei quando ha vapor, mas escrevo-lhe para respirar. Hoje o contacto com o sr., mesmo o do pensamento, é um acto necessario á minha existencia. Não lhe sei dizer quanta falta me faz a sua presença nem o logar que o sr. hoje tem em minha vida.

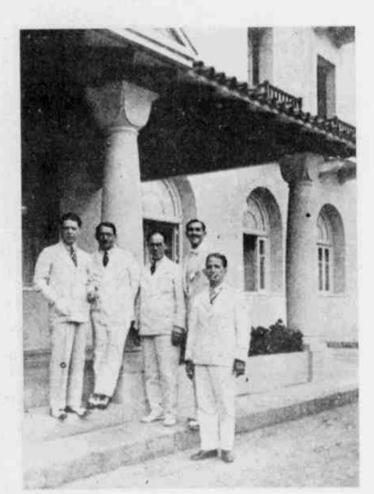
Graça Aranha aos 40 annos

Dentro da noite palpitante...

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

Dentro da noite palpitante,
Eu sou uma onda clara
Que traz do mar sem termo
Um anseio sem nome,
Uma nota perdida
Na orchestração da vida...
Sou uma onda sonora
Que se agita um instante,
Alma em extase,
Espirito em delirio,
Em delirio de espuma faiscante
Que em rapida vertigem se consome...
Sou o anseio que exalta
E põe no sonho de um segundo
Tudo o que falta
A' harmonia do mundo.
Sou a loucura bemfazeja
Que integra na existencia
De um só dia
Toda a poesia,
Toda a sciencia,
Tudo o que a gente ama e deseja
E a propria essencia
Da humana fantasia.

Sou para o teu amor uma onda luminosa
Que se anima de magico esplendor,
E na eterna grandeza
Que o nosso instante perpetúa
Eu tenho como o mar
Dentro da noite palpitante
Uma nova surpresa,
Um eterno alvoroço,
Uma funda emoção,
De cada vez que sinto palpitar
O teu beijo de amor,
Como uma perola a brilhar
Na concha tremula da minha mão.

EM POÇOS DE CALDAS

Senhores José Braz Dantas Barreto e Von Doltinger da Graça na porta do Palace Hotel

De cima: Dr. Alberto Haas, Roberto Sufflici, senhora Pacheco e Silva, senhora Gomes de Mattos, senhorita Barros Loureiro.

Episodios

Odilon Jucá

ESCREVENDO, ha tempos, sobre a educação da mulher brasileira, preconizava o professor A. Carneiro Leão que ella fosse preparada para, como companheira do homem, com elle collaborar na obra de organização da nacionalidade e dentro do rythmo novo da civilização universal.

—"Não podemos — affirmava o antigo director da Instrucção Publica desta capital — continuar a educar a mulher dentro da mentalidade de uma sociedade patriarchal que não existe mais. Não nos enganemos, porém. A abertura de simples escolas technico-profissionaes femininas e o accesso ao curso secundario rigido não serão sufficientes. As primeira farão as mulheres apenas profissionaes, capazes de ganhar a vida, o segundo lhes abrirá as carreiras liberaes e a burocracia. Mas nem a mera profissão nem a simples conquista de uma carta bastarão por si sós. O indispensavel é que, sem desvirtuar sua finalidade feminina de conductora familiar e social, ella possa, num systema de educação secundaria moderna, encontrar a opportunidade de tirar de suas energias, de suas possibilidades pessoaes, tudo a quanto faz juz, em beneficio proprio e do paiz. E' necessario, ao lado da cultura geral e humanistica, planos educacionaes de administração, de industria, de arte domestica e outros, abertos, segundo as tendencias das candidatas e com accesso franco á Universidade."

Estas palavras de advertencia deveriam jamais refugir da lembrança da mulher brasileira, sobretudo agora, na phase da transição emancipadora, iniciada com o primeiro beneficio que lhe conferiu o governo revolucionario: o direito de voto.

Partindo do accesso ao suffragio, tudo poderá a mulher conseguir daqui em deante, como cooperadora intelligente do estudo e solução de todos os problemas collectivos, para o estabelecimento de uma sociedade equanime nos direitos iguaes que devem assistir aos dois sexos.

Crê-se definitivamente assentadas para daqui a um anno as eleições para a Constituinte.

Julgarão as mulheres, por ventura, que o só direito de voto que lhes foi outorgado pelo Dictador, num gesto de cavalheirismo talvez irreflectido, lhes modificára a condição de facto de tutelladas? Ter-se-ão esquecido de em quantas e annuaes sessões legislativas bateram ás portas do Congresso solicitando esse abstracto direito ao suffragio?

Um homem pode ser generoso. Mas os homens, collectivamente, são ferozmente egoistas. Elles nunca se sensibilizariam tanto, por exemplo, com a fome das criancinhas de um internato, ao ponto de sahirem á rua pedindo para ellas um nickel ao transeunte. Só as mulheres têm gestos assim de absoluta magnanimidade.

Ora, os problemas femininos no Brasil são ainda o total das aspirações da mulher moderna. Nenhum delles mereceu até hoje as attenções do egoistico governo masculino, que tudo quer, tudo manda, tudo pode.

O comparecimento das mulheres ás urnas não mudará a sua condição de inferioridade social se ellas não obtiverem, com os resultados do pleito, representação directa, de pessoas do seu mesmo sexo, nas assembléas legislativas e nos conselhos de adminitração. Ou isto, ou ellas nada conseguirão: nem maternidades, nem regulamentação racional e humana do trabalho feminino, nem igualdade civil...

O homem continuará, como sempre, a gerir sózinho a sociedade conjugal. As esposas terão a profissão que o marido lhes determinar; o domicilio será do livre e inappellavel arbitrio do marido; o pae terá poder exclusivo sobre os filhos. Em resumo: economica, politica e socialmente continuará o homem senhor absoluto.

* * *

As mulheres precisam preparar-se para os prelios eleitoraes. Os homens não estão contando com ellas para a reconstitucionalização do paiz. E a prova é que, tendo sido apurados nas ultimas eleições presidenciaes muito mais de dois milhões de votos, na conta redonda, 2.000.000, estão as estimativas de agora limitando o eleitorado proximo. E' um calculo masculino.

O nosso folklore é rico de lembretes para esta opportunidade. "Quem tem os olhos fundos chora cedo" e, como adverte a "A Manha', "Quem não chora, não mama"... E mais esta: — "o brasileiro (generico) só tranca a porta depois de roubado".

Ha oito dias um reporter fino fazia notar que a falta de vida nocturna do Rio, cidade de população apreciavel, decorre das "vibrações longinquas do toque do Aragão, soando atavicamente na memoria do cidadão contemporaneo", embalando-o num somno que o possue desde as dez horas da noite... E bem me parece ser maior do que se figurou ao chronista noctivago essa influencia atavica não nos cariocas, apenas, mas nos brasileiros em geral, por força de imitação, pelo restante do paiz, dos costumes da Côrte. Acostumamo-nos, lamentavelmente, a dormir de-mais. Sempre que acordamos o sol vae alto. A hora matinal, em que a acção é mais prompta pela bôa disposição dos musculos, é já passada. E a execução do que se projectara fica para amanhã.

Não devem fazer assim, ao ingressar na vida politica, as mulheres brasileiras. Desconfiem da generosidade dos homens, que não irá muito além da concessão do voto. Despertem cedo, que o direito e a justiça pertencem mais aos madrugadores do que a quem Deus ajuda...

Estejam alerta, sobretudo, para o problema magno do feminismo consciente, para aquelle que, mais do que qualquer outro, soffrerá o combate de todas as armas, mesmo das mais vis e atiradas da sombra, o problema sem cuja solução será sempre ficticia a emancipação da mulher — o divorcio a vinculo,

Se, ao nascer uma criança, morrer a parturiente sem haver quem corte o cordão umbilical ao nascituro, morrerá tambem este, forçosamente, antes mesmo da putrefacção cadaverica daquella. Assim será com a vida politica que acabam de adquirir as nossas patricias. Sem a integral emancipação civil, ellas morrerão moralmente mais do que já não tinham vida propria. O titulo de eleitor, para ellas sujeitas como agora aos maridos, aos paes, aos irmãos, é apenas mais um instrumento de sujeição. Se o cordão umbilical que as liga aos ultimos é a economia propria, a capacidade de ganhar para viver, o que as prende aos primeiros é mais forte porque urdido com o preconceito sacramental da indissolubilidade. No entanto, elle precisa ser cortado...

O Commandante Müller dos Reis offereceu á Directoria e ao Comité de Imprensa do Touring Club do Brasil um almoço a bordo do "Almirante Jaceguay", navio em que se realisará o primeiro Cruseiro Turistico Economico Interestadual.

Amigos e collegas do jornalista Mario do Amaral lhe offereceram um almoço em regosijo pela sua escolha para o cargo de 1.° Secretario do "Centro de Chronistas Carnavalescos".

A morte do tocador de saxophone

ORIO VERGANI

RASGANDO a coberta acolchoada das nuvens, como as bailarinas de circo furam os arcos de papel, um tocador de saxophone sóbe ao céo... Não tinha necessidade de se apressar tanto. Existe um mundo immenso de gente á espera, entretanto, as formalidades á entrada se resolvem rapidamente; não perdem tempo em interrogatorios. Quantos á espera da vez diante da porta azul, que apenas um clarão mais intenso distingue do azul do céo. O tocador de saxophone tambem terá que esperar a sua vez. E isso lhe vae servir para pôr em ordem as idéas. Olha em torno assombrado! Vivêra á noite, sob a luz artificial; essa outra luz, sobre a qual não se póde antecipadamente fazer uma idéa, assusta-o. Morreu ha apenas um minuto, em plena noite, e não comprehende como se passa, de repente, das trevas á luz. Não é ainda um espirito puro, e sem difficuldade, acredita no relogio. Um dos que esperam já faz algum tempo, procura explicar-lhe a coisa com o facto de que talvez elle tivesse morrido nos antipodas, lá em baixo, onde é noite, quando, no alto, é dia. Um outro mais sabido, esclarece o equivoco. Não adianta falar em antipodas e em hemispherios, em "alto", nem em "baixo". Toda a mathematica sublime das relações astronomicas não tem aqui nenhum fundamento. Não ha vantagem falar em norte e em sul. O eclipse do sol? Não pronuncie esta palavra em voz alta. Experimente, experimente repetir esta palavra — eclipse — nesta atmosphera. A que se prende elle ainda? Que o tocador de saxophone se persuada da inutilidade de querer estabelecer comparações entre essa coisa que elle deixou na terra, e que se chamava Noite, e esta que encontrou aqui e que não se chama propriamente dia.

Agora o pobre tocador de saxophone sabe menos do que antes: e, com tudo que lhe resta de memoria terrestre, agarra-se o mais possivel ao passado, aquillo que precedeu o presente ainda confuso e indecifravel. Desejava se ver tal como era lá em baixo. De repente uma palavra lhe surge no espirito; uma palavra que talvez não tenha mais sentido aqui, mas que tinha muito lá em baixo: *distancia*. A palavra se desenha real com as suas nove lettras negras, sobre o fundo do céo, como um cartaz de annuncio preso a telhados invisiveis. Enorme, agoniante distancia! E se desenham tambem as oito lettras destas duas palavras: *Jazz-Band*, com o traço de união do lado opposto; augmentam desmesuradamente, como se corressem em busca das suas pupilas sobre trilhos silenciosos, até não poder mais abrangel-as com um unico olhar; depois se retiram precipitadas para um mysterioso esconderijo, e se tornam pequenas, agitadas como as perolas de uma rêde caça-moscas, inattingiveis como o ponto negro que dansa, ás vezes, diante dos nossos olhos, prestes a fugir para as direcções mais inesperadas, num vôo irregular de morcego, si procuramos fixal-o. *Jazz-Band*. Esta palavra se repete até a obsessão.

No fundo não ha grande differença entre este momento e certa hora que elle conhece. Aquella em que ia, depois de ter feito piruetar o ultimo par ao rythmo do ultimo charleston, sob as ondulações que a musica eleva na maré crescente da fadiga, como no theatro os machinistas acocorados levantam em ondas a tela azul que simula o mar. Elle se deixava ir, abandonando o arsenal dos saxophones reluzentes como a armadura de um guerreiro fatigado, sobre a cadeira ao fundo, no estrado da orchestra. E emquan-

to as luzes se apagavam nas suas costas como si elle seguisse apoiando o salto do sapato sobre interruptores dissimulados no soalho, ganhava a porta do dancing que dava para a rua, a rua na qual os ultimos automoveis, impacientes, transportavam os ultimos dansarinos, lançando nas esquinas hyperbolicos avisos. Então a aurora repousada o esperava para lhe dizer: "Venho a esta hora quando todos dormem. Noutros momentos me enxotariam, accusando-me de indiscreção. Vim caminhando sobre os telhados, de pés nús, e olhando pelas claraboias. Descerei daqui a pouco resvalando nas paredes e seguirei o caminho marcado por mim para as carroças que vêm do campo."

O tocador de saxophone deixava a aurora repetir essas confidencias e lá se ia lavantando a gola do casaco e procurando pensar noutra coisa. Como agora.

Estes senhores imaginam que a entrada vae se fechar? Aquelle lá, onde morreu?

"Os meus cinco saxophones ficaram encostados no estrado, como pontos de interrogação invertidos. Assemelhavam-se mais do que nunca a trombas cortadas de pachydermes. O sexto, aquelle no qual eu ia tocar, está caido no chão. Vejam, parece o cadaver luzidio de um saxophone. Instrumento louco pela acrobacia. Não abriram a rêde de rigor nos perigosos exercicios sonoros, aereos. Que tristeza a sua melodia não conseguir segurar voando, as argolas e os trapezios soltos das notas certas. Morreu porque tocou com o meu ultimo sopro. Porque ninguem se lembrou de tapar com a palma da mão a bocca do instrumento? E a minha alma passou atravez, pelo conductor humido do seu tunnel luzente, com um *fa* prolongado e avantajado.

"Como foi que as cordas do violino não saltaram de medo, enrolando-se para procurar soccorrer o instrumento? Como foi isso possivel? Um violino tão sentimental... Não, as quatro cordas, uma vestida de prata, duas de tripa núa, a quarta de seda, ficaram lá em baixo, presas nos quatro talhos do fino cavallete de erable, como si nada se tivesse passado. Comprehendo e explico apenas pela insensibilidade da grande caixa. Uma verdadeira insensibilidade profissional. Olhem, as pequenas ampoulas vermelhas e amarellas continuam accesas no ventre sonóro; as pobres ampoulas destinadas a viver, sem saber porque, no meio de uma tempestade de trovoadas perpetuas e de golpes de contra-tempo. Nem estremecem, confiantes nos seus filamentos inquebraveis. A côr de alabastro que atravessa o disco de pelle esticada, com as palavras em lettras negras: "Los Angeles Jazz-Band" illumina o meu rosto pallido e transtornado de homem caido. Todos os pares que dansavam, pararam de repente, como si tivessem esbarrado com o pé no meu corpo estendido, que no emtanto está bem longe. O fio da melodia que os dirigia se interrompeu como os seus passos e, partido, vogou no vacuo um instante. Um instante todos tiveram a impressão de dansar num chão que se tornára negro como um abysmo.

"Mas não comprehendem nada. Que foi que aconteceu? Nada. O homem do saxophone se sentiu mal. Todos reconhecem que a coisa é muito natural. Não se respira na sala. Muita fumaça. Muita gente. Muitas bolas e serpentinas atiradas de uma para outra mesa. "Tem certeza que os a s p i r a d o r e s funccionam?" Ouve-se uma accusação repetida e dirigida não se sabe contra quem: "Exploradores! Exploradores!"

"Ao cair — isto é uma constatação pessoal — quebrei um dente. Quebrei-o de encontro ao instrumento. Serei obrigado a collocar um artificial, caso possa ainda continuar a tocar. Mas é inutil se fatigarem tanto com a minha respiração artificial. Até o chefe da orchestra luta com os botões da minha camisa. Não sabe que para os tirar é preciso metter a mão pelo lado de dentro. São botões de um modelo antigo. Assim como está fazendo não conseguirá nada. Prompto, quebrou uma unha. E' preciso esperar. Elle não póde deixar de esfregar o dedo um instante. Ainda não se convenceram de que não ha mais nada a fazer. No espirito de todos apparece desdobrado um desses quadros de demonstração para soccorros urgentes, que dependuram nas paredes das escolas. Esses quadros, feitos por pintores meticulosos, que fazem pousar para triste modelo de accidentado, de asphyxiado, de epileptico, de alcoolico um individuo com bigodes caidos nos cantos da bocca. Obstinam-se ainda em classificar o meu caso entre as molestias passageiras. Mas, nem todos têm as mesmas opiniões. Um diz: "Aneurisma". Um outro: "Embolia". Então outros repetem: "Embolia. Aneurisma". Entretanto é a embolia que os persuade menos.

"Afastem-se todos! E' o gerente que os convida a dar lugar. Passam na minha testa um guardanapo molhado na agua gelada de um balde de champagne. Operação feita com delicadeza, como si eu tivesse na testa uma dessas feridas perigosas que arriscam augmentar. Não ha medicos. Todos sabem que não ha nenhum, mas continuam a repetir: "Não ha nenhum medico! Nenhum medico!", como si não fosse possivel não estar nenhum medico a esta hora num dancing. Agora elles me lenvantam, segurando-me pelos hombros e pelas pernas. Péso muito, com certeza. Sou um cadaver. As pessoas têm na cabeça gorros de papel de côr do cotillon, sob os quaes as loucuras são permittidas. Um tira o gorro. E depois, outro. E depois, todos. Comprehenderam o que se passa. Emfim, me carregam.

"Lamento sinceramente o gerente, que deverá se approximar das mesas, apresentando, sobre um prato, as notas dobradas. Cada um terá uma intenção differente ao deixar a gorgeta. Um dará uma gorgeta menor do que costuma, pensando que os garçons não terão coragem de prestar attenção a isso num momento tal. Haverá um que dará o dobro, murmurando: "Para a familia ..." Pois a noticia se espalhará, os frequentadores destes lugares têm sêde de emoções, que deixo uma familia numerosa: tres ou quatro filhos, que si estivessem neste mundo, dormiriam agora sem nada saber, pobres innocentes.

"A pista do ring onde dansam, encerada, brilhante como si fosse de espelho, está completamente vasia. Ninguem a atravessa, nem mesmo ao se dirigirem para a saida. Dão a volta, ao longo da primeira fila de mesas. Está vasia, como a nave das igrejas, depois que se retira a eça. Num silencio embaraçante, as mulheres enfiam alfinetes nas pequenas bolas que ficaram sobre as mesas. De repente, param. Alguem diz qualquer banalidade inevitavel: "E' a vida!" "Como se morre!" E tudo entra em ordem.

"Os meus camaradas da orchestra continuam unidos em torno do piano preto, como os parentes aos quaes ninguem quer ser o primeiro a apresentar condolencias quando o cortejo vae partir. Elles olham para o chão luzidio, como os marinheiros do piquete de honra olham o circulo de agua no qual devem atirar uma corôa de flores, para que ella vá encontrar no fundo os mortos de um glorioso naufragio. Daqui a pouco um delles comprehenderá que é bom apagar as lampadas festivas do interior da grande caixa. Puxará a tomada de corrente, abaixando-se com um suspiro metade de emoção, metade de fadiga. E depois, com as mãos cheias de precaução, descerá a tampa do piano. Um pensamento triste lhe virá nesse momento. Elle fechará o piano docemente, para não fazer barulho.

"A coberta do teclado, vermelha, é grande como uma fita de corôa".

Cala-se. Quando chegar a vez delle a porta se abrirá para elle. Durante o tempo que passou outros entraram. E outros chegaram.

Na festa em homenagem á Princesa da Colonia Portugueza

NA RADIO SOCIEDADE MAYRINK VEIGA

A noite de "Para todos...", quinta-feira da outra semana, teve uma amavel surpresa. Era 5 de Abril. Fazia annos o senhor Antenor Mayrink Veiga, o dynamico director da Casa Mayrink Veiga. Elle compareceu ao studio e foi affectuosamente festejado. Depois, a pedido nosso, posou com os seus amigos, para a revista que lhe quer bem.

ZORAH

Rachel Croatman

EU estava doente. Não recordo o que foi, mas sei que era coisa de garganta e molestia contagiosa. Nessa occasião, tinha 11 annos. Foi de repente. Um forte nó na garganta e não podia dizer siquer o que sentia. Não articulava uma palavra. Veiu o medico e mandou-me para a cama. Tive que ficar sósinha num quarto, o mesmo em que dormia, com uma irmã. A sua cama ficou vazia. Nos primeiros dois dias, só mamãe entrava, acompanhada pelo doutor. Papae enfiava a cabeça pela porta, mas mamãe olhava-o e elle ia embora. Minha pobre mãe não confiava em ninguem, só nella propria. E tinha mais tres filhos, cuja saude precisava proteger. Depois perdi a consciencia. Não posso affirmar se foi a molestia que me levou áquelle estado de alheiamento, mas a verdade é que durante alguns dias não soube que mais outra pessoa me ia ver, além da mamãe e do doutor. Essa pessoa ficaria depois gravada nas minhas recordações. Chamava-se Zorah e era nossa visinha.

* *

Por essa época, moravamos nô suburbio, num desses casarões antigos, que ainda se encontram naquellas bandas, e cujos fundos davam para o passeio duma pequena avenida de casas amarellas. No numero V residia uma familia musulmana. Muita gente, apertada numa casa minuscula. Zorah era a mais velha das filhas solteiras. E a mais bonita. De uma belleza singular. Os olhos côr de agua reflectiam como ella o ambiente. Eram azues em dia claro e vivo, cinzentos, quando chovia. E eram tambem verdes... Eu gostava de contar os seus cachos negros. Naquelle tempo, usava-se cabello encaracolado. A sua pallidez era agradavel e poder-se-ia dizer bonita. Sabia bordar admiravelmente e mamãe lhe dava trabalho. Pela circunstancia de sermos visinhas, ás vezes, ella ficava bordando na nossa casa e almoçava comnosco. Fomos assim nos habituando e acabamos lhe querendo bem.

Um dia, ella ia a uma festa. A mãe mandou fazer-lhe um vestido, mas Zorah o achou tão bonito, que teve vergonha de usal-o com a roupa de baixo que tinha. E foi, corajosamente, pedir uma outra emprestada, á mamãe. Mamãe perguntou-lhe:

— A que festa você vae?

— Ibah (o pae) vae me levar e mais a Souleika (uma irmã casada) a uma festa dos patricios.

E, baixando os olhos, acrescentou:

— Mamãe quer que eu arranje um casamento...

A minha mãe ficou commovida com tanta ingenuidade. Foi á commoda e tirou um jogo, que ainda não havia usado e fôra bordado pela propria Zorah. Esta foi pulando de contente para a casa. Tinha dezesete annos, o corpo bem lançado e um pouco roliço, embora firme e as pernas ageis, de garoto que joga foot-ball. As pessoas, que a vissem correndo com aquellas peças na mão, que as rendas e bordados indiscretos traiam, sorririam, com espanto. Mas, ella era, nessa corrida, a imagem da alegria mesma...

* *

Appareceram dois pretendentes. Um era conhecido da terra e estava estabelecido á rua da Alfandega. Moço, um pouco pallido, accusava vida sedentaria num ambiente sordido. A familia preferiu-o. Era rico e Zorah a filha mais bonita da casa. Elle appareceu durante uma semana, mas a menina manteve-se arisca. Fugia para a nossa casa e fazia desfeitas ao rapaz. O pae teve que desculpar-se e perguntou á filha se gostava do outro. Zorah respondeu que sim.

— Muito bem, para que tentativas inuteis?

O segundo pretendente era tambem musulmano, mas de Paris e chamava-se Jacques... Jacques... O sobrenome não me lembro agora, sei que tinha tres hhh... Authentico. Bonito rapaz, no sentido vulgar, mas com um ligeiro estrabismo. Isso não impediu que conquistasse muito depressa a familia, com suas maneiras extremamente cortezes. Por outro lado era perfumista. Fabricava extractos, aguas de colonia e pó de arroz, marca *Rainha Elisabeth* ou *Rei Alberto*, o que me faz crer que tivesse inaugurado a fabrica por occasião da vinda ao Rio dos reis dos belgas. A familia começou a perfumar-se excessivamente. Zorah quasi abandonou o trabalho, entregando-se, sem sentir, a um devaneio, que era bem symptoma de amor.

Um dia, eu vi, da janella dos fundos de casa, que os nossos visinhos estendiam, nas sacadas, colchas de seda, maravilhosamente bordadas em côres vivazes e harmoniosas, tapetes curiosos e variegados, cortinas, emfim, toda uma riqueza oriental, surgida como que magicamente d'alguma arca fabulosa. Aquillo me causou espanto, pois não ignorava que aquella gente levava vida difficil e tinha um pae, leal amigo do alcool.

Officializara-se o noivado de Zorah. Ella mesma participou á mamãe:

— Madame, hoje fico noiva. Vamos preparar a casa. Estamos usando coisas da Souleika. Toda aquella riqueza é do enxoval della. Papae era rico na terra...

E, com ar melancolico, concluiu:

— Não sei como fazer enxoval para mim...

* *

Uma semana depois, foi que adoeci gravemente. Mamãe pediu a Zorah que viesse cuidar de mim durante o dia e ao mesmo tempo distrair-me. Não sei quantos dias se passaram sem que notasse a sua presença. Uma vez, apercebi-me de que mexia silenciosa pelo quarto e fiquei tão contente! Desde então fizemos grande camaradagem. Mamãe teve um suspiro de allivio, quando me examinou. Eu tinha melhorado e dormi tranquillamente, pensando na minha enfermeira. Que bom, quando pudesse falar!

Na manhã seguinte, ella entrou no meu quarto, trazendo toda a frescura dos seus dezesete annos de amorosa. Tinha um immenso prazer em olhal-a e parecia-me que auria saude nessa contemplação deslumbrada. Ella, muito boazinha e amavel. Cantava canções orientaes, contava historias, desenhava, na porta, bonecos a giz, passando em seguida um panno, para que mamãe não a surpreendesse. Depois ella andava... O seu andar tinha sobre mim suggestão singular. Imaginem se as bonecas andassem... Eu ficava immovel na cama e ella ia á janella, olhava a rua pelas venezianas e me dizia o que por lá se passava. Outras vezes, sentava-se no chão, alinhava os meus brinquedos, mudava os vestidos da boneca, dava cambalhotas, gesticulava da maneira mais engraçada do mundo e desdobrava-se, ante meus olhos fascinados de convalescente, num magnifico espectaculo da vida.

Eu me submettia aos curativos com uma coragem invejavel, por causa de Zorah e era ella que me animava e fazia desejar uma cura rapida.

O que mais lhe apreciava porém era um geitinho que fazia com o nariz, como quem deseja aspirar alguma coisa que andasse no ar, e lhe emprestava um quê de felino. Aquelle geitinho quasi que imitei...

Minhas melhoras se foram accentuando. Comecei a falar com certa difficuldade, mas fazendo-me entender. Então eu a cercava de perguntas sobre o noivo. Ella ia vel-a quasi todos os dias, á noite. Tinham tirado o retrato juntos e me trouxe uma prova para eu ver, que deixou comigo. Isso me fez muito orgulhosa. Eu tinha uma pequena collecção, formada de retratos de quasi todas as criadas, que haviam servido em nossa casa, uns retratos muito apagados de meu pae, quando solteiro, que encontrara esquecidos numa gaveta e esse magnifico exemplar que Zorah acabava de me dar. Eu não podia de contente:

— Muito obrigada, Zorah!

— Não vá perder, nem entregue a ninguem, que podem fazer feitiçaria. Eu já vou.

— Porque?

Ella me mostrou uns nickeis, fazendo aquelle geitinho com o nariz:

— Pedi emprestado á sua mãe. Este é para queijo, este para pão, este...

— Você não merenda comigo?

— Não, vou convidar a Souleika, a Mimi...

E saiu apressada.

* *

Eu já estava muito melhor. Antes que ella chegasse saltei da cama e tracei a giz, na mesa, o seguinte pedido: *Eu quero feijão*. Quando Zorah chegou, estava repassando os retratos. Veiu muito triste. Nunca a vira assim. Sentou-se á beira da cama, pediu o retrato della e chorou. Fiquei nervosa, abracei-a e chorei tambem. Levamos assim algum tempo, depois Zorah me disse, apontando para o noivo:

— Elle... Ia dizer qualquer coisa, mas enxugou os olhos. Em seguida foi apanhar o copo de leite, que estava sobre a mesa para me offerecer, e, lendo o que desejava, começou a rir nervosamente.

— Ah! foi por isso que você ainda não bebeu o leite? Vou chamar sua mãe.

Fiquei espantada. Mamãe chegou e riu tambem. Tomei leite. O meu pedido ficou indeferido...

* *

Muitos dias ainda Zorah veiu ver-me. Assistia á visita do medico, dava-me de comer á boca e bordava junto á minha cama. A janella do meu quarto, completamente aberta, tinha para mim encantos inimaginaveis. Via-se uma caramboleira carregada de frutos amarellos, que meus irmãos tentavam arrancar, com varas de bambú. A espessura do pomar... Um ou outro papagaio, que qualquer garoto da visinhança se lembrava de soltar brincava na atmosphera transparente. Eu não saia devido á fraqueza, mas meus irmãos vinham-me ver. Papae, quando chegava, me trazia uma revista.

Depois do meu restabelecimento, Zorah raras vezes voltou á minha casa. Nas vesperas do casamento, veiu pedir louça emprestada. Depois, nunca mais a vi. Lembro-me que, nos dias seguintes, houve grande confusão na casa numero V. Mas eu não soube porque era. Muito mais tarde, ouvi minha mãe contar o fim da pequena arabe, da minha amiga Zorah.

* *

Depois do casamento, Zorah acompanhou o marido para a casa, que elle havia mobiliado. Fechou-se no seu quarto e escreveu o seguinte bilhete, em arabe: "Mamãe. Ouvi Jacques discutir com a irmã, que o acusou de ter deixado mulher na França. Guarde o segredo e me enterre com o véo. *Zorah*". — Depois, ingeriu veneno e morreu.

O segredo não foi mantido, porque a familia indignada entregou-se aos maiores desatinos. O pobre perfumista explicou debaixo duma chuva de insultos que, de facto, elle estivera casado na França, mas se divorciára antes de emigrar. A sua irmã, depois da separação, transformara-se em amiga da primeira mulher e ao mesmo tempo gerente da sua fabrica. Ao ser informada do casamento de Jacques com Zorah, não poude deixar de desapproval-o e a pobre menina, teria assistido a uma das discussões em que ella teimava em dizel-o casado. Diante dessa explicação, que teria evitado o suicidio romantico de Zorah? O Ibah, a mãe, Souleika e Mimi não puderam deixar de ver o dedo da fatalidade e mudaram-se de casa.

A fabrica *Rei Alberto* continuou funccionando. Apenas na secção de vendas a irmã do sr. Jacques foi substituida por uma empregada...

No salão do studio Nicolas quando foi a apresentação das novas alumnas da poetisa Maria Sabina de Albuquerque, orientadora do Curso de Declamação Olavo Bilac.

THEATRO

R. MAGALHÃES JUNIOR

O nosso meio theatral fornece, de quando em quando, uma bôa anecdota. Ha dias, registrou-se um episodio comico, que vale a pena commentar, á falta de melhor assumpto para esta chroniqueta desenxabida.

O proprietario de um antigo cinema da Piedade resolveu transformal-o em theatro. Não foi porque entendesse que o cinema era uma arte inferior e que devia, em vez de films do Far West, offerecer ao seu publico representações theatraes.

E' que faltava ao cinema o apparelhamento de synchronisação e as emprezas cinematographicas já não forneciam films silenciosos aos exhibidores. Como não lhe convinha fechar a casa, nem adquirir um "movietone", o homem concebeu a idéa salvadora.

O antigo cinema foi baptisado com o titulo de Theatro Margarida Max. Intenção evidente de conseguir, com essa antiga "estrella" do theatro de revista, uma temporada inaugural mais ou menos camarada.

Mas a antiga "estrella" não se commoveu com a homenagem, feita com o proposito claro de affagar-lhe a vaidade artistica.

Não concordou com a proposta do emprezario e não inaugurou o theatro, pensando de si para si, que se alguem puzesse na fachada de uma casa de espectaculos o nome de Spinelly, de Mistinguette, de Josephine Baker, não tinha o direito de exigir, a qualquer dessas "vedettes", o sacrificio de uma temporada pouco lucrativa.

O emprezario, deante dessa recusa, bateu a outras portas. Novos contras. Não havia quem quizesse trabalhar no seu theatro. Desafôro. Punha o nome de Margarida Max na casa e queria que Ottilia Amorim, Zaira Cavalcanti ou Alda Garrido fossem inaugural-o...

Frente unica das "vedettes", "semi-vedettes" e aspirantes a "vedettes" contra o emprezario. O homem enlouquecia. Máo psychologo e máo homem de negocios que elle era. Baptisara o theatro antes de receber a negativa de Margarida Max e não se lembrara de que as rivaes da antiga "estrella" mais tarde fariam gréve, mordidas por uma pontinha de despeito...

Que lhe restava fazer? Mudar o nome do theatro? Seria passar o recibo á antiga "estrella", que se desculpara geitosamente pretextando uma viagem a São Paulo, em bilhete escripto pelo sr. Marques Porto...

O destino, porém, resolveu a situação. Uma grande desgraça que feriu o theatro nacional foi a taboa de salvação do emprezario da Piedade. Morreu Leopoldo Fróes. Optima opportunidade para mudar o nome da casa, com a desculpa de haver attendido a um abaixo assignado da clientela, naquelle sentido...

Ahi fica o exemplo, para os outros emprezarios. Não ponham nos seus theatros os nomes de "estrellas" vivas. Porque, aqui, só com os mortos ninguem briga...

A Companhia Maria Neves-Carlos Leal, que está fazendo um successo immenso no Theatro Carlos Gomes, da Empreza Paschoal Segreto.

Cínema

O *Variety* de New-York explica da seguinte maneira o *caso* Jeannette Mac Donald:

Um autor parisiense especialista em romances de escandalo, publicou um livro sobre Jeannette Mac Donald. Um dos ultimos romances desse auctor divulgou certos segredos parlamentares e custou-lhe varias perseguições. A situação de Jeannette Mac Donald é muito especial: os parisienses a confundem com uma outra mulher que se assemelha a ella, e recusam acreditar que a famosa estrella continua pacatamente o seu trabalho na California.

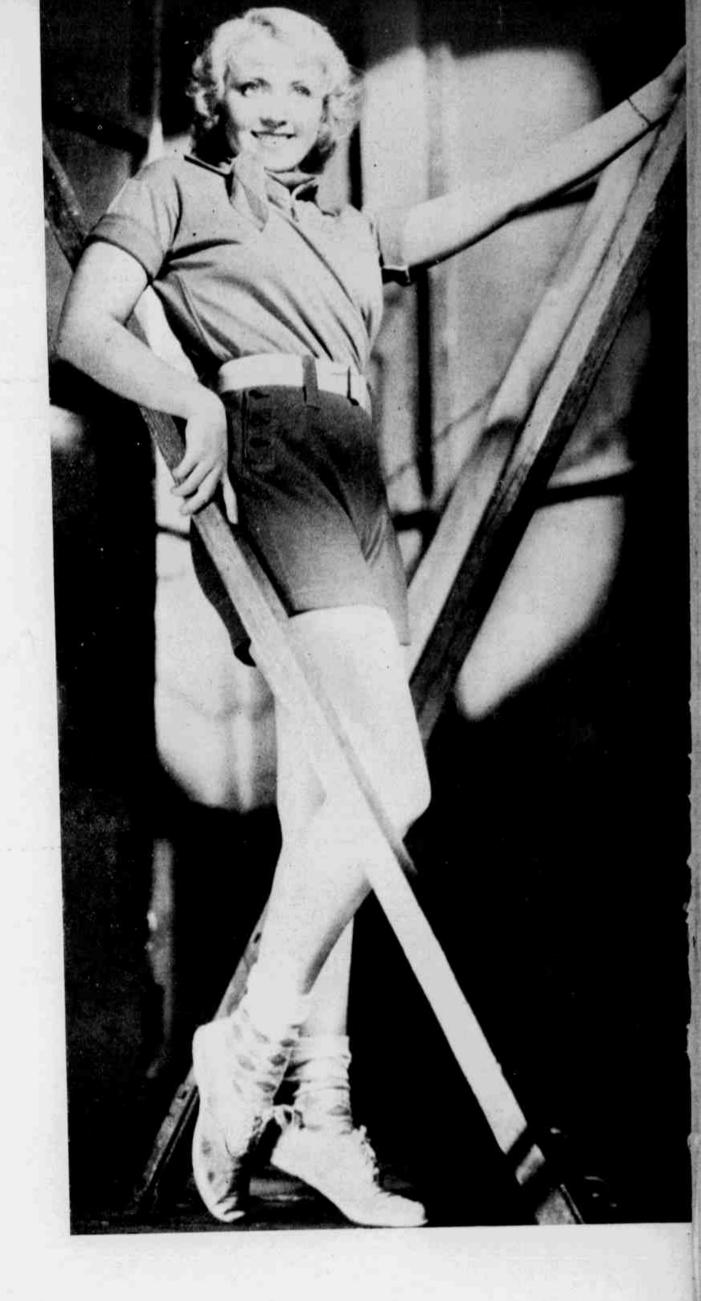
Uma série de historias extraordinarias que correm com a responsabilidade do seu nome occupou ha pouco a imprensa franceza. Envolveram-na em escandalos internacionaes. Mas é preciso só ver nisso uma publicidade perversa. Nenhuma pessoa que conhece a joven artista póde dar fé aos detalhes incriveis que floreiam essas historias. Jeannette Mac Donald está em Hollywood onde sempre esteve. Todos os esforços foram empregados para destruir as historias que circulam em Paris sobre a sua pessoa; infelizmente tudo foi inutil. Os francezes não querem acreditar na sosia de Jeannette Mac Donald e dizem que é uma mystificação inventada para salver a reputação da artista.

Sempre duvidamos que uma criatura celebre e universalmente admirada mantenha a sua renuncia á gloria e á fama para se dedicar á vida tranquilla e anonyma de dona de casa. São muitos e constantes os casos de arrependimento, de fórma que causa admiração uma persistencia duradoura. Principalmente tratando-se de uma mulher como Dolores Costello, de grande belleza e talento artistico, que abandona os applausos de todo o mundo para ser simplesmente a esposa de John Barrymore, um homem tido como violento, tyrannico e aspero. Mas, se houve quem duvidasse da sinceridade de Dolores como esposa e esperasse o arrependimento, não haverá quem duvide da sua sinceridade como mãe. Ha pouco annunciaram por toda a parte o nascimento do seu primogenito. Agora annunciam que espera para breve outro filho. Ninguem duvidará da sinceridade nem se admirará da persistencia na renuncia de uma mãe que, nesta época, na futil Hollywood, não se contenta de ter um unico filho e não se envergonha de annunciar, aos quatro ventos, o proximo nascimento de outro.

Sensacional o divorcio de Lowell Sherman e Helen Costello! A separação foi feita de modo violento, com brigas de familia, accusações reciprocas e muitas declarações rudes. Mas tudo isso já está no conhecimento do publico. A novidade é a partida de Helen para a Europa, com o fim de percorrer a Inglaterra e a França e esquecer tão fortes contrariedades. As separações rumurosas nem sempre são definitivas. Precipitadas, em momentos de exaltação de animos, num impeto irreflectido, muitas vezes, de repente, vem um arrependimento reconstructor. Mas a partida de Helen, emquanto o processo de divorcio segue a sua marcha implacavel, é a certeza de que não ha possibilidade de conciliação. Talvez influam para isso os odios de familia que intervieram no caso, pois John Barrymore, cunhado de Helen, sempre foi inimigo de Sherman e aproveitou-se da occasião para ter satisfações intimas...

MARIAN MARSH

3 = 1

São tres photographias
de uma Joan Blondel

O sorriso das mulheres louras é quasi sempre uma traducção no Brasil... Em geral traducção livre...

Nascimento de Carlito

CARLITO nasceu no *front*. Nunca me esquecerei da primeira vez em que ouvi falar nelle. Foi na floresta de Vache, numa noite de outomno chuvosa e triste. Chafurdavamos na lama, sentinellas perdidas, num funil de mina que se enchia dagua...

Em 1915. Garnier fôra o primeiro licenciado da nossa meia secção de audazes patrulheiros. Elle voltava de Paris. Toda a noite só falou em Carlito. Desde então e de cito em quinze dias cada fornada de licenciados contava novas historias de Carlito...

Todo o *front* só falava em Carlito... Uma manhã em que eu baixava, por informação do capitão, sujo, enjoado, repugnante, com uma barba de sessenta dias, as calças rotas pelos arames farpados, fui cair no meio de um alegre grupo de artilheiros, que collocava uma peça numa bateria e que me acolheu aos gritos de: "Olá, Carlito!" E todos riam. Porque Carlito? Fiquei pensando. Desejaria bem conhecer esse novo *poilu* que tomára conta do *front*... Um dia, chegou emfim a minha vez de partir licenciado. Toquei-me para Paris... Depois de saudar a torre Eiffel, precipitei-me num pequeno cinema da praça Pigalle. Vi Carlito. Era *elle*. Elle, o pequeno e pobre estudante que partilhára commigo o miseravel quarto, em Londres, pelo anno de 1911, aquelle pequeno e pobre estudante de medicina que lia Schopenhauer o dia inteiro e que, á noite, levava pontapés num elegante music-hall onde Simon Kra, hoje editor, triumphava como campeão mundial de *diavolo* e eu fazia o *jongleur*, com as duas mãos, pois naquelle tempo eu ainda tinha as minhas duas mãos...

Blaise Cendras

UM PROTESTO DE THEODORE DREISER

O grande romancista americano cuja obra prima, *American Tradedy*, foi adaptada para o cinema, publica no "New-York Herald" um violento protesto contra os *mercantis* de Hollywood. "Embora tenha que lutar durante annos não renunciarei á defesa do meu infeliz romance. Esses senhores de Hollywood têm a audacia de chamar adaptação cinematographica do meu livro, uma série de passagens mutiladas, reunidas em torno de um unico episodio. Naturalmente, não se preoccupa esse film, que não é mais do que uma reportagem primitiva, com a evolução psychologica dos meus personagens; os acontecimentos nos quaes repousa todo o interesse do romance estão simplesmente escamoteados.

Porque, meu Deus, seremos forçados — eu e os meus confrades — a tolerar que transformem as nossas obras *em um montão de imbecilidades*, montão que cobrem com o nosso nome e do qual somos, por conseguinte, responsaveis diante da opinião geral? Não, *o direito de adaptação cinematographica não implica necessariamente na mutilação da obra original!* E' desesperante constatar a ingenhosidade com a qual Hollywood sabe pôr tom de semsaboria e diluir todo o livro ao qual se atira. Mesmo nos maiores cataclysmas humanos, uma unica coisa interessa aos fabricantes de films: quantos metros de episodios amorosos podem metter em cada fita. Esbanjam sommas incalculaveis sem que a cultura lucre um unico vintem. Com certeza, as sociedades cinematographicas pretendem que é o publico quem reclama semelhantes tolices. Isso não é verdade, pois a classe média americana está tão enjoada dos films bôbos, assucarados, de *happy-end*, quanto o escriptor, que não teria escripto a sua obra, se imaginasse que a veria um dia passar na tela tão deformada!"

RUTH HALL

PINTURA

Retrato da senhora Embaixatriz do Mexico por Margueritte Bareiano.

Na inauguração das refórmas da séde da Sociedade Brasileira de Bellas Artes.

ACABAM de descobrir na Bibliotheca de Salzbourg numas carteiras cuja origem remonta ao tempo do principe-arcebispo de Salzbourg, Wolf-Dietrich, primo de Maria de Medicis, oitocentos desenhos de mestres italianos pertencentes na maioria ás escolas de Veneza e de Bologna. A joia dessa collecção é um desenho de Tintoreto para o seu celebre *Paraiso* da sala do Conselho dos Doges do qual uma esplendida *esquise* se acha no Louvre.

Uma magnifica exposição de arte franceza foi, ha pouco, inaugurada no Burlington House, de Londres, por Lord Derby, presidente da Associação "França e Gran-Bretanha"; Sir William Llewehyn, presidente da Academia Real de Arte; de Fleurian, embaixador de França e Paul Janot, conservador do Louvre.

Na mesma occasião abriram nas Lefévre Galleries, King-Street, uma exposição da Escola de Paris que reuniu, para completar o quadro de arte franceza offerecido pela grande exposição, um numero vasto de obras estupendas assignadas por artistas vivos, de Picasso a Derain e de Matisse a Utrillo, Dufy e Lurçat.

"DOCE" Oleo de Margueritte Barciano.

Na Russia Vermelha

A. MON

EM Paris e Berlim, algumas pessoas que estavam ao par da minha viagem á Russia, levavam dizendo-me que tivesse cuidado e tomasse todas as precauções possiveis. Aconselhavam-me que viajasse apenas com o estricto necessario, não carregasse na bagagem livros nem diarios, nem tomasse apontamentos; emfim convinha tambem avisar á Legação do meu paiz antes de partir e arranjar uma especie de codigo para me pôr em communicação com os amigos de Berlim, em caso de apuro... E muitas outras coisas, graças de máu gosto como, por exemplo, as clausulas de um possivel testamento. Aquillo é um desastre, affirmavam outros, só vae ver as coisas boas, porque não lhe mostrarão as más; não se divertirá nada, lá não tem "cabarets", tudo é triste, pobre, sujo, não ha lojas luxuosas, toda a gente se veste sem elegancia... O curioso é que propalam essas coisas havendo tanta gente que continuamente vae e vem da Russia, turistas e commerciantes. Já não falo no que diz respeito a "cabarets" e modo de se vestirem, mas sobre a segurança pessoal, os perigos para os viajantes, etc.

Como todos sabem, com o nome de Cheka se denominava a policia secreta da revolução russa, encarregada de velar pela sua segurança e liquidar os seus inimigos. No cumprimento dessa missão adquiriu uma celebridade tragica, tanto que foi necessario mudar-lhe o nome. Agora chama-se G. P. U. Mas todos dizem Cheka, como antes.

Eu estava muito tranquillo. Por isso foi sem testamento que, num sabbado de Janeiro, ás oito horas da noite, tomei na estação principal de Berlim, Friedrich Banhof, o trem que ia me conduzir ao outro mundo, isto é, a Moscou, via Negoreloe, fronteira russa com a Polonia. Comprára para mim um sobretudo de pelles que era uma maravilha. Levava um gorro de astrakan e um cache-col de seda que, além de ser uma joia, era uma lembrança querida e que (ai de mim!) a estas horas deve estar adornando o pescoço de algum empregado da alfandega polaca. Tomei conta do meu compartimento, olhei-me ao espelho e certifiquei-me que, de accordo com a minha theoria, estava um russo perfeito. Olhei-me mais detidamente e puz-me a rir sósinho. Mas que agradavel sensação a de andarmos vestidos conforme nos dá vontade! Approximei-me da janella e fiquei contemplando a cidade de Berlim que desapparecia. Como Berlim é linda! Os chauffeurs não dizem desaforos como em Paris! E as raparigas de Berlim embora tenham motivos para estar tristes, sempre estão alegres, nunca acceitam presentes. Dispunha-me a recordar algum outro detalhe psychologico igualmente importante das raparigas de Berlim, quando entrou no compartimento um cavalheiro com um sobretudo melhor do que o meu. Não foi isso que me offendeu, e sim o facto de lhe ter dado as boas noites em inglez, sem que se dignasse me responder. Então, como eu estava de bom humor, dei-as em francez, com identico resultado. Mas o homem olhou-me detidamente, com um ar categorico. Ia ser meu companheiro de camarote até Moscou. Absoluto mutismo. Pensei: deve ser algum agente da Cheka... Era um typo indefinido, embora de muito boa apparencia, e em vão eu me esforçava para identificar-lhe a nacionalidade. Antes de abrir uma das valises olhou-me receioso. Pensei: este crê que o agente da Cheka sou eu... Voltei-me para a janella e continuei olhando a paisagem. O homem se metteu na cama e dormiu sem dizer-me nem uma palavra. Tres horas depois soube que era um diplomata allemão... Diplomata, porque vi a etiqueta da bagagem, e allemão, porque toda a noite sonhou em allemão...

Na manhã seguinte, o trem rodava pelos campos da Polonia. Campos e bosques nevados. De quando em quando uma pequena aldeia, e pelos caminhos gente a pé, em trenó ou em grandes carros de quatro rodas. Eram componezes que saiam das igrejas. E isso durante todo o dia. A's vezes o trem parava nalguma perdida estação. Fazia um frio que rachava até a alma. Pela madrugada haviamos passado por Varsovia. Eu dormia. Senti muito: desejava tanto ver Varsovia. Foi tão silenciosa a passagem! E' que a paz reinava em Varsovia...

A's nove horas da noite, vinte e cinco horas depois de deixar Berlim, o trem entrava na estação de Negoreloe. Negoreloe, a porta da Russia Vermelha! Negoreloe! Sentia uma extranha emoção, o proprio trem entrára de uma maneira quasi solemne, quasi com medo. Todo mundo desceu, para mudar de trem e mostrar na Alfandega passaportes e bagagens. Russia Vermelha, terra, neve, céo da Russia Vermelha, que nos fazia pular de frio. Apenas vinte e cinco horas de viagem, e, entretanto, que longinquo estava o mundo do nosso alphabeto familiar.

Umas horas antes de chegar á fronteira russa, o diplomata allemão, convencido, sem duvida, de que eu não era um agente da Cheka, resolvera fazer relações commigo. Falavamos uma mistura de francez, inglez e italiano. Esse cavalheiro me informou sobre muitas coisas do paiz que eu ia ver pela primeira vez. "Não se divertirá em Moscou, disse-me, é muito triste. Não se tem aonde ir. As mulheres não têm gosto, não são muito asseadas e não usam meias finas. E, quanto aos homens, é bom ter cuidado quando conversar. Todos soffrem, todos andam serios e são desconfiados". Por fim, como fallasse russo, foi o meu interprete na Alfandega.

Na sala das bagagens viam-se os retratos de Lenine, Kalinine e Staline e grandes cartazes vermelhos com legendas que eu olhava sem comprehender uma lettra siquer. O silencio e a luz, relativamente escassa, tornavam mais interessante aquella sala. Os funccionarios, serios e mudos, examinavam minuciosamente as bagagens. Uma dezena de policiaes percorria a sala. No centro, uma mulher jovem calçada com altas botas, amplo capote e gorro de panno, fumava uns cigarros immensos. Era formosa e parecia ser o chefe. Dava ordens muito concisas sem mudar de attitude. De repente ouviu-se um chôro. Uma mulher chorava e gritava diante da chefe.

Esta, nem se movia; assistia impassivel ao empregado tirar sedas e outros objectos da valise da chorona. Em vão a chorona chorou... Não houve piedade para ella. Tinha que pagar uma immensidade de rublos. Chegou a minha vez. Perguntaram-me, antes de tudo, quanto levava em dinheiro. Mostrei. O guarda contou até as pequenas moedas. Quando me approximei da chefe offereci-lhe uma revista allemã. E tanto ella como o funccionario e o policial tornaram-se amabilissimos, sem deixarem de cumprir com o dever. Contaram-me, rindo, que a chorona costumava a chorar, pelo menos, duas vezes por mez na Alfandega. E isso sempre que lhe encontravam na bagagem uma quantidade exagerada de seda. Amaveis olhares de olhos azues e sorrisos amigos foi o que encontrei nos primeiros russos vermelhos.

Um agradavel cheiro de desinfectante se exhalava do carro dormitorio russo. Um carro bonito e commodo, melhor do que os Mitropa da Allemanha. Logo que o trem sahiu começaram a servir chá e biscoitos. O garçon, um velho de blusa branca, delicado e sympathico (lembrava-me um typo de Gorky), fazia grandes reverencias cada vez que servia o chá. Não achei aquellas reverencias de accordo com o paiz dos *camaradas*. Ao amanhecer, a estepa nevada, bosques, aldeias onde sempre se destaca a igreja colorida, e de repente, Moscou.

Nada mais que dezesete gráos abaixo de zero! Primavera. Um senhor gritava o meu nome entre os passageiros que des-

ciam do trem. Era um funccionario da Sociedade de Relações Culturaes com o Extrangeiro, instituição que, por abreviação, se designa com o nome de Voks. Perguntou-me que idioma queria falar e apresentou-me logo a oito pessoas mais, membros tambem da Voks e do Yuyamtorg. Entre elles havia uma rapariga, a camarada Helena Modjinkaya, designada para me acompanhar naquelle dia. Minutos depois estavamos no Hotel Savoya em roda de uma mesa onde havia caviar, salmon, lagosta, bules de chá fumegante, e garrafas de vodka. E outra vez olhos claros e sorrisos amigos que têm a particularidade de attrahir uma subita sympathia. E logo, intimos amigos. Um delles, que me observava com curiosidade, notou-me um pouco resfriado, e com um estectoscopio de madeira me auscultou cuidadosamente os bronchios e os pulmões. Nenhuma novidade. Bravos! Venha o celebre vodka, que ia experimentar pela primeira vez na vida. E me dispunha a proval-o, quando um dos camaradas me deteve. Não, não... o vodka se toma de um trago. Em seguida comprehendi a razão. Toma-se de um trago porque não é agradavel. E' alcool, alcool puro. O curioso é que sem ser gostoso, convida a repetir sempre...

Os principaes studios cinematographicos da Russia, estão em Moscou, em Leningrado e em Odessa. A cinematographia sovietica é uma industria do Estado, o que não impede que haja diversas companhias que trabalham com absoluta independencia umas das outras e até com criterio diverso.

O facto do cinema ser na Russia uma industria do Estado, offerece uma grande vantagem e uma grande desvantagem. A vantagem está em que os directores têm á disposição extraordinarios elementos, exercito, armada, grandes massas operarias, etc., e o apoio immediato de todas as instituições do paiz. E a grande desvantagem está em que o criterio official pesa demasiado sobre as producções, uma grande percentagem dellas tem que servir ás idéas politicas, circumstancia que trava a obra dos artistas e dos realisadores.

Apenas havia uma hora que chegára a Moscou e ia, de automovel, a caminho dos studios de Mechrapom Film, onde naquelle momento trabalhava o famoso director Pudovkine. Devido ao frio e á humidade, o carro estava completamente fechado e eu apenas espiava a cidade. Silencio, e uma multidão de gente a pé foi a primeira impressão caracteristica que me offereceu a capital sovietica. Silencio de buzinas, de campainhas, de gritos, silencio tambem de sapatos e botas de borracha sobre ruas emmadeiradas, asphaltadas, empedradas. Poucos automoveis, mas muitos bondes e omnibus, dos melhores que se encontram nas maiores capitaes do mundo. E destacando-se dos edificios antigos de tons muito suaves, rosados, celestes, as moles firmes, rectilineas, solemnes, quadradas, com um ar de força bem equilibrada, da architectura moderna. Idealisação de fabricas, ás vezes, e outras, com uma manifesta tendencia cubista, as formidaveis construcções novas, algumas de um cinza muito escuro, obedecem, segundo a minha interpretação pessoal, a um desejo de dar ao novo o aspecto de coisa definitiva e potente. E que extranho contraste com a maravilha das torres de ouro nas igrejas coloridas, das espheras de ouro e das agulhas de ouro dos antigos artistas russos e bizantinos!

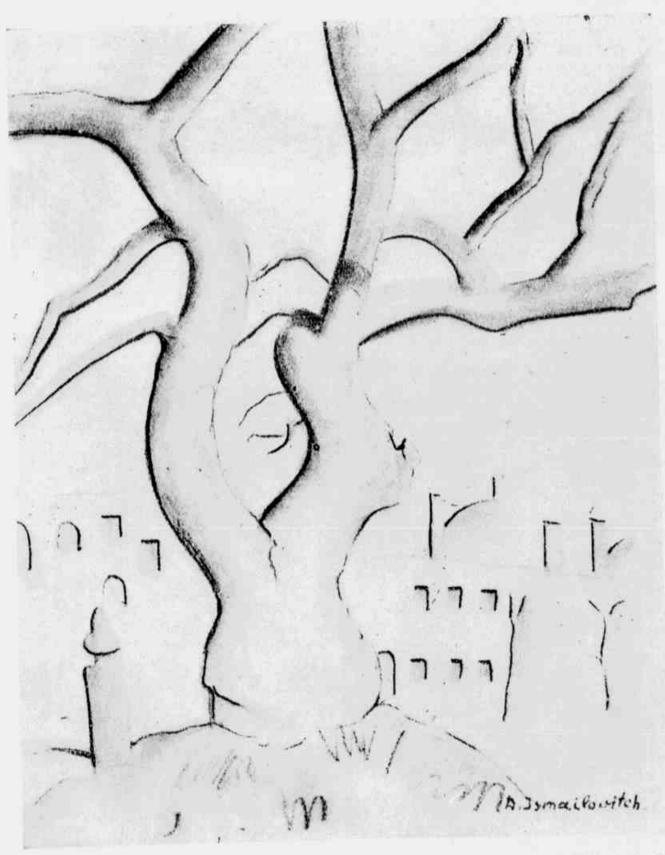
A camarada Helena Modjinkaya, minha acompanhante, informava rapidamente a classe e o fim ao qual se destinavam os edificios novos que iamos vendo. Camarada Modjinkaya, que é uma communista apaixonada, filha e neta de revolucionarios, commentava com interesse e enthusiasmo as obras do governo sovietico. De repente o automovel se deteve numa esquina. Atravessava a rua um batalhão de soldados do exercito vermelho. Desci do carro para vel-os. Jovens garbosos, a flôr da mocidade russa. Eu imaginava os soldados vermelhos, brutaes e tetricos, de olhar obliquo, armados, ao mesmo tempo, de fusil, revolver e baioneta. Nada disso. Jovens corados que a gente contempla com sorridente orgulho, jovens que se vêem por toda parte, em franca confraternidade. Capacetes forrados, capotes que chegavam até o chão e botas que resoavam sobre o calçamento em passo medido. Ninguem os commandava, iam sós, em filas perfeitas, cantando uma canção revolucionaria, á qual, o ruido compassado da marcha fazia de acompanhamento. Não levavam armas, sem duvida voltavam aos quarteis. Soldados de Trotzky, poderosos guardas da Russia nova. Soldados de Trotzky, cujo nome não se pronuncia, absolutamente na Russia, e cujo retrato em nenhuma parte se vê.

— Esta obra é de Trotzky? — disse eu á camarada Modjinkaya.

— Oh! não, não, que esperança! apressou-se ella em contestar.

— Você não gosta de Trotzky, camarada Modjinkaya?

— Absolutamente, respondeu-me, Trotzky é um pequeno burguez contra-revolucionario.

Camarada Modjinkaya, perfeita communista militante, crê no que o partido ordena que creia e combate o que o partido ordena combater. E Trotzky foi desterrado pelo partido...

Desenho original de Dimitri Ismailovitch. pintor russo que vive ha muitos annos no Brasil.

Casamentos

Marinette Alves de Faria Lemos com o tenente João Rosauro de Almeida.

Senhora Italo Cirillo (Cecilia Lara) S. Paulo.

Em baixo: Mayna de Aragão Braga com Tenente Raphael B. de Miranda.

Pedacínho de Céo

PAULO MAC DOWELL

Pedacinho de Céu, era uma garota interessante que eu conheci n'uma festa lá do paraizo.

Nesse dia, dei uma bruta rata. Fui ao céu de smoking e os anjos andavam nús...

Pedacinho de Ceu, era uma gurya formidavel!

Ninguem dava em cima. Todo mundo tinha medo...

Talvez, de seus olhos, que pareciam desafiar o universo.

Muita gente não gostava.

Quiçá, de seu porte orgulhoso, que lhe dava um aspecto de rainha.

Muito elegante, bonita e viajada. Pedacinho de Ceu, era a figura que mais sobresaía no salão.

Olhei-a. Observei bem.

Vi que ella me olhou, que me observou e que gostou de mim.

Não tive medo dos olhinhos della. Gostei immenso do porte orgulhoso e elegante que ella possuia.

Confesso que, tambem, não dei em cima.

Ella não era da terra. Era Pedacinho de Ceu e, por conseguinte, do paraizo rasgado.

Quando saí da festa, deixei um bilhete para S. Pedro entregar-lhe:

"Pedacinho de Ceu, si algum dia você pensar em vir á terra, não se esqueça de cair no meu jardim, sim?! Teu, sempre teu, o moreno que na festa do ceu, tocou aquelle samba P'RA VOCÊ GOSTA' DE MIM..."

A menina loura que me vende cigarros

Darcio Teixeira

E' tão banal — porque é moda, a literatura sobre as *meninas* que vendem essas pequeninas cousas quasi inuteis que a gente precisa comprar...

As "garçonnetes" de toda a cidade: do "bar"... "do café"... "das flôres"...

E' tão banal que eu não devia escrever assim tambem para você, menina loura que vende os meus cigarros. Correria risco a minha sinceridade...

Mas escrevo. Porque sei que você não lê mesmo estas cousas.

Estas cousas...

O brasileirismo excepcional dos seus cabelos dourados. Sem ser preciso ser hungara, tchécoslovena, ou outra qualquer cousa extravagante. Agua oxigenada, apenas. Sem a uniformidade do amarelo inexpressivo dos cabelos estrangeiros.

E a sua conversa, toda resumida na mobilidade constante dos olhos espantados sob o arqueado bonito das sobrancelhas que não são suas... E' o "crayon" simetrico, em lugar da natureza. E no seu sorriso facil, fantasiado de baton... e que o romantismo da gente acha triste... E nas suas mãos irrequietas que os meus olhos acompanham sempre, loucos de inveja, por onde elas andam: nos fios louros do seu cabelo rebelde; no vestido justo e sincero do seu busto delgado...

E...

Mas, a alma tambem?

E se ela fôr como a alma dos cigarros louros que você me vende? Essa fumaça tenue que a gente sente dentro de si, — como um bem real, e que depois a gente sopra, e vê esbater-se, diluir-se, sumir... para ficar acreditando que esteve iludido...

Senhora Wladimir Alves de Souza (Maria Adelia Haddock Lobo de Affonseca) com a sua côrte nupcial.

Enlace Maria do Carmo Mallet de Souza e Jorge de Araujo Pereira

Sociedade de S. Paulo

Senhorita
Elda Minervino

(*Photos Cerri*)

Senhorita
Gilda Manograsso

Correnteza

Zelia Duncan

DESABROCHARA em Abril, sob o encanto de um manto azul. Uma linda paineira com trajos de seda rosea servia-lhe de umbella.

Docemente enroscava-se no tronco da linda arvore, que de quando em vez sacudia seus ramos, e uma chuva de borboletas rosadas esparzia-se pelo chão. Sentia-se orgulhosa com a formosura decantada pelos habitantes mais proximos do bosque em que nascera.

As abelhas zumbindo disputavam o pollen dourado, e ouvira mesmo uma maravilhosa borboleta azul, dizer á sua companheira:

— E' a mais bella rosa de Abril!

Suas petalas sedosas brilharam de alegria e um perfume suave saturou o ar! Um regato murmurejante entoava canções dolentes, e a "princezinha" curva-se na haste mirando-se no espelho crystallino de suas aguas. E a rosa agreste tem ancias de amar e ser amada! O calmo favonio da tarde embala-a docemente, quando é subitamente cortada da sua haste. Treme, não de medo mas de orgulho, iria conhecer novos horizontes. Encosta-se ás modestas margaridas e violetas na ansia de sobresahir! Eis que estremece de frio!

Tremula de horror é arrastada pelas aguas, cahira sem que a mão que a colhera percebesse sua desdita.

— E's minha diz o regato sussurrando baixinho, e apressado leva-a em seu leito de areia doirada.

Na sua afflição lamenta a vaidade dos seus desmedidos sonhos.

Por um segundo descansa no remanso... E longe, bem longe a paineira desfolha suas flôres... Com o impulso do vento é arrastada novamente.

A correnteza mais forte carrega-a para o rio... Num esforço desesperado dispersa suas petalas de sêda nas aguas do regato, mas o calix verde perde-se no turbilhão da cataracta.

Assim é a honra da mulher, uma vez perdida, a correnteza da vida arrasta-a suffocando-a no turbilhão.

ENTRE OS LIVROS

DANTE COSTA

CARTAZ

Os escriptores-cactus (cabe aqui um parenthesis: escriptores-cactus, como eu disse na outra semana, são as mediocridades numerosas que enfeiam a nossa literatura), gritam a sua presença logo a um simples golpe de vista. Não custa muito diagnostical-os. São facilmente reconheciveis. Primeiro pela excessiva frequencia com que apparecem. Segundo, por certos detalhes inconfundiveis, certa sattitudes divertidas e esplendidas...

Ha escriptores-cactus de todas as edades, alturas e tamanhos. Gordos e magros. Roseos e nédios. Esqueleticos e bem nutridos. Trabalhadores. Desoccupados. Pobres. Ricos. Mas em todos a gente faz a gostoza descoberta: não ha nada lá por dentro...

Sempre que ha um canto de redacção onde um sujeito bem educado e sereno está disposto a ouvil-os, elles surgem assustadoramente amigos. São de uma sem-cerimonia espantosa. E de uma intimidade e de um enthusiasmo que fazem pensar... A amabilidade tambem é uma das suas melhores armas. Optimos rapazes. Moços muito gentis. E seriam até interessantes se, todos elles, não repetissem a mesma technica de conquista: um livro na mão direita; muita untuosidade na fala; as pernas cruzadas; elogios rasgados áquelle nosso "brilhante artigo", publicado em tal jornal, assim, assim; tudo isso pra acabarem deixando retrato com a legenda já feita, e umas tiras escriptas em que elles mesmo se elogiam escandalosamente, proclamando bem alto o bruto valôr que têm...

A cabotinagem, em alguns, assume symptomas alarmantes, e elles parecem possuidos de verdadeiros delirios de publicidade... Pedem elogios com uma fome de retirantes. Comparecem com uma assiduidade que incommoda. E entulham as prateleiras das livrarias com uma producção chinfrim, periodica e teimosa...

Não convem citar nomes. Para que? Elles continuariam egualmente mediocres e egualmente celebres. Elles continuariam amollando os amigos de imprensa. E não deixariam de perseguir a gente, até mesmo na porta dos cinemas, com o annuncio differente de mais um livro bôbo...

Para que citar nomes?

E' muito melhor apreciar e sorrir...

NOTICIAS

"O umbigo de Adão" é o nome do livro em que Medeiros e Albuquerque colleccionou as suas ultimas conferencias.

* *

Mario de Andrade, a grande figura do modernismo brasileiro, vae publicar "Belazarte", edição "Fusco", de Cataguazes.

O sr. Sebastião Fernandes, que já publicou "Destinos", um bonito livro de contos em que mostra as suas elogiaveis qualidades de escriptor, annuncia "Cuité".

* * *

"Rio de Janeiro, ciudad de hechicheria", poemas de *Gaston Figuera — Montevidéo.*

Gaston Figuera, poeta dos mais vivos do Uruguay, veio ao Rio, aqui se demorou algum tempo, e voltou enthusiasmado com a nossa terra. Por isso, logo que chegou a Montevidéo, resolveu publicar o livro amavel que o seu coração e a sua sensibilidade escreveram pela sua mão: "Rio de Janeiro, ciudad de hechicheria".

Poeta de rythmo amplo, Gaston Figuera foge de um defeito a que difficilmente escapam os poetas assim: o excessivo malabarismo vocal. Ao contrario, elle não perde nunca o contacto da realidade, e não se desvia em inexpressivos jogos de palavras. Diz o que sente com simplicidade, synthese, e clareza, o que me parece altamente elogiavel.

Assim, por exemplo:

"La luna tropical
pone un largo e blanco chal
en las espaldas azules de la noche."

Dr. Plinio Gioia, membro da Academia Carioca de Letras

E' verdadeiro, preciso, e pinta com tão grandes recursos que o quadro apenas esboçado parece pintura completa.

Traduzindo motivos subjectivos, fugas interiores, Gaston Figuera ainda se mostra maior poeta e a sua voz conta momentos de rara belleza:

"Mi alma, deslumbrada de azul inmensidad,
Sobre las olas vuela, canta como un avion
Rutilante de vida, de luz, de eternidad...

Mas "Rio de Janeiro, ciudad de hechicheria" é sobretudo, um conjuncto de paysagens objectivas. As nossas coisas fascinaram o poeta. Paquetá foi pretexto pra poemas de uma delicadeza subtilissima. E Copacabana, "Paulo e Virginia", Tijuca, os mais pittorescos panoramas, as feiras-livres, as mulheres bonitas, os papagaios de papel, todos esses fragmentos da nossa cidade desfilam neste livro em projecções harmoniosas e seductoras.

*

"Para as lindas mãos", contos de *Celso Vieira — Rio.*

Escrever pra sensibilidade feminina é uma coisa que requer muita delicadeza, muita simplicidade e alguma futilidade... Infelizmente é assim. Por isso o livro de Celso Vieira não me parece integralmente proprio para as lindas mãos... Elle é um escriptor vigoroso, serio, e o novo genero naturalmente não se acclimata com a sua intelligencia e a sua sensibilidade.

Além disso, a excessiva "procura" com que arma as suas phrases ás vezes o torna pouco claro. Ha certos periodos em que as imagens e as palavras parecem collecionadas a dedo. E isso não agrada ás mulheres, e não se pode dizer que agrade tambem aos homens...

Comtudo, aqui elle reuniu contos e ensaios sobre motivos amorosos, destacando-se um estudo sobre "Dante e Beatriz", e outro sobre Beethoven, que merecem destaque especial.

LIVROS RECEBIDOS

"As aventuras de Julio Jurentino", por Elias Ehrenbourg.

"As idéas de Alberto Torres", por Alcides Gentil.

..*"Uma porção de folhas mortas"*, por Brigido Tinoco.

O HOMEM ELEGANTE

DUQUE

O smoking é um traje de noite que se vulgarisou logo depois da guerra, seguindo a onda de democratisação na maneira de vestir e com pretenções de substituir a casaca, o que, porém, nunca conseguiu, nos meios verdadeiramente elegantes.

O smoking é tolerado em Paris e Londres como traje meio "soirée", em restaurantes, cabarets, dancings, theatros ligeiros e pequenas festas, mas nunca póde substituir a casaca em espectaculos de Opera, galas, bailes officiaes, banquetes, casamentos, etc., onde essa continúa a imperar como o traje da gente chic.

A moda do smoking varia como quasi em todos os trajes masculinos, na fórma dos hombros, largura das frentes, altura da cintura, numero de botões e fórma de gola.

O smoking de fórma de jaquetão, ultimamente usado, perdeu sua voga rapidamente e hoje é considerado, com razão, féra de moda, pois confundia-se com o simples jaquetão, improprio para as festas de noite.

A ultima moda de Paris e Londres dá ao smoking a seguinte fórma:

Hombros largos, angulosos, frentes largas, identicas ás da casaca, cintura na altura natural ligeiramente marcada, mangas lisas com tres botões de massa brilhante.

Calça direita, com duas pregas na cintura e duas bandas estreitas de seda Mate.

Collete de seda preta com tres botões, frente direita, terminando em pontas pronunciadas, podendo, porém, o collete ser de fustão branco ou da mesma fazenda do smoking, com pequena gola de seda.

Os botões do collete podem ser de fantasia discreta ou verdadeiras joias, sendo que os de saphira ou de onix ornados de pequenos brilhantes são de bom gosto e estão sempre em voga.

Com o smoking a camisa é branca, de peito duro, usando-se, porém, as de peito molle pregueado nos paizes quentes, praias, casinos, estações de aguas, mas nunca a camisa de seda.

A gravata é de seda preta, laço pequeno, a meia preta, o sapato de verniz.

O chapéo, sendo preto, póde ter qualquer fórma, sendo, entretanto, mais chic o feltro molle forrado de seda.

"Smoking" modelo, creação do habil alfaiate Corrêa d'Azevedo, rua S. José, n. 6, onde se veste a nossa "jeunesse dorée"

GARIMPEIROS — (Conclusão)

O Bom Jesus da Lapa o guiára. Ali estava o *metal*: uma *canôa* que era um despotismo! Dois ou tres *caldeirões* que não se acabavam! *Cascos de burro* por todo canto! Emquanto teve forças, trabalhou. Mas, por fim a vista andava sumindo, sentia um vazio sem alma dentro dêle, antes de cair de vez sobre o tesouro principiou a subida.

— Mas, seu Casemiro eu lhe digo. E' só porque eu não tinha medo mais de nada. A morte para mim era alivio naquela hora. Porque lhe garanto que é preciso ser homem como trinta, para ter coragem. O bruaqueiro velho deu letra. *Tem* cantos, que é preciso passar sem tomar folego, pra aquele mundo todo não se derrubar em cima da gente. Pedras de todo tamanho, aguentadas umas nas outras, por milagre, rangendo e roncando, quando se pisa, como bicho do mato acuado. E a gente vai ali por baixo, sabendo que tudo aquilo vem de repente desabar nas costas e acabar com tudo, e vendo o céu, lá de baixo, tão longe, tão alto, como um condenado nas profundas dos infernos! — Fez uma pausa. Riu-se. — Eu fiz uma promessa ao Senhor Bom Jesus da Lapa de só voltar no serviço num *causo*: si seu Casemiro quisesse ir lá, pra lhe ensinar o caminho. Por dinheiro nenhum do mundo bóto mais lá os meus pés, fóra disto. *Metal* já tenho que chegue, não me dá mais sobroço. Agora, si seu Casemiro resolver é só dizer. Não esqueço o que você fez por mim. Mas, se prepare, porque a coisa é seria deveras. Eu, estou pronto: já, si quiser, estou voltando.

(Do romance a sair breve, *Terra dos garimpos*).

Bruaqueiro — tropeiro. Tambem, garimpeiro novato.

Manga — pasto de capim, de aluguel.

Fazendo o saco — Comprando mantimentos para a semana.

Capangueiro — negociante de carbonatos e diamantes.

Mercadoria — diamantes ou carbonatos.

Influencia — afluencia de gente a um garimpo novo, de futuro.

Camarada — garimpeiro assalariado.

Meia-praça — garimpeiro que trabalha a meias, com o fornecedor.

Querosene — diamante opalino, de primeira agua.

Toca — rancho na serra, geralmente uma lapa de pedra.

Furo — emprestimo.

Canalão — abismo, fenda vertical aberta na rocha.

Informações — pedras satelites, que indicam a presença de diamantes.

Resumindo — examinando a ultima parte de cascalho.

Metal — designação generica do carbonato e diamante.

Faiscar, catear, mexer um batido — variedades de serviço.

Gruna — galeria subterranea.

Grupiara — deposito de cascalho na serra.

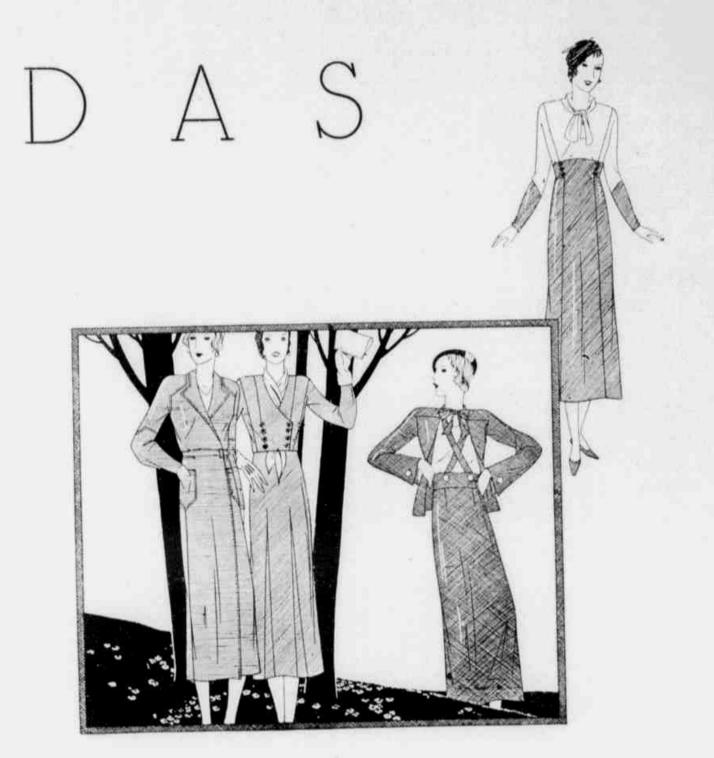
Canôa, caldeirão, casco de burro — escavações na rocha, onde se deposita o cascalho carreado pelas aguas.

MODAS

UMA saia simples, sem nenhum talhe especial, prendendo-se muito em cima a um corpo volumoso, trabalhado, guarnecido, alargado, nos faz comparar a silhueta feminina de 1932 a uma flôr aberta na ponta de uma haste longa.

Os costureiros reservam a sua fantasia creadora para o alto dos vestidos onde florescem guarnições, côres, linhas novas. Assim veremos, na estação que se inicia, todo o interesse das novas modas concentrado nos corpos.

Entre a saia e o corpinho, ha a cintura que preoccupa vivamente os creadores. Em geral, ella é collocada mais alto do que o seu lugar normal, ou pelo menos parece.

Para subil-a, nenhum artificio é desdenhado. Sobre as saias, diremos apenas duas palavras: quasi todas semelhantes, divididas por uma linha vertical no meio, na frente e atraz, direitas mas não estreitas; tendem a se afastarem mais das pernas atraz do que na frente. Para augmentar o volume, para alargar os hombros, tudo é permittido: linhas transversaes, guarnições em relevo, opposições de côres entre as quaes as guarnições de *lingerie* fornecem o mais numeroso contingente. Quanto ás mangas, ellas prolongam pelo desenvolvimento do alto as proporções alargadas do busto e dos hombros: mangas balão, mangas capa, mangas presas por meio de pregas disfarçadas. Accrescentemos que os punhos têm sempre grande importancia assim como as cavas ora situadas no ponto natural, ora no meio do braço. O comprimento das saias não soffreu modificação nos ultimos tempos. Ha entretanto um genero de vestidos que apresenta uma real innovação neste ponto. Os vestidos destinados aos cocktails "de cinco horas á meia noite". Elles ligam mais ou menos a tarde á noite. Mais decotados do que os diurnos, mangas curtas, descem até o tornozello.

Os modelos de hoje são: manteau de lã azul rei; costume de lã verde, saia levemente em forma, e bolero sem gola fechado por duas linhas de botões de metal e fichu em crépe verde claro; costume em lã fina vermelha, corpo em jersey rosa, botões de metal; vestido em lã azul rei para a saia-corselet e punhos, renda de lã azul pallido para o corpo, botões de metal.

NA CINELANDIA

Mme Edgar Pereira descia do seu lindo Rolls-Royce, numa elegancia verdadeiramente parisiense, despertando olhares de admiração e ia assistir a sessão das 17 horas no Cine Gloria quando, Mlle Robin, uma graciosa francezinha, interrogou-a: — Como passa, Mme Pereira? Está tão chic, tão elegante!

— Sabes, agora visto-me na "Capital das Sedas", á rua Gonçalves Dias n. 13, casa essa que só tem artigos finissimos, importados de Paris e que mantem uma secção de confecções dirigida pelo bom gosto do sr. Sampaio que tem o segredo maravilhoso de manter junto a si os melhores e habilissimos costureiros do Rio de Janeiro. Vês este costume, verdadeiramente parisiense, foi confeccionado lá.

— Não sabia, retrucou Mlle. Robin, que no Rio, havia uma casa de confecções tão elegantes!

— Pois saiba e guarde mais esta revelação: tudo lá é chic, modernissimo e pelo menor preço.

Deveis adquirir Titulos de Capitalisação:

PORQUE — ficaes obrigados a economizar mensalmente uma pequena parcella de vosso rendimento;

PORQUE — todos os titulos concorrem mensalmente, ou sejam doze vezes por anno, a um sorteio de amortização, graças ao qual podereis receber immediatamente o capital garantido;

PORQUE — depois de pagos os dois primeiros annos podereis retirar adiantamentos ou mesmo resgatar os vossos titulos pelas quantidades inscriptas nos mesmos;

PORQUE — **No 15.º anno participareis dos lucros da Sociedade;**

PORQUE — DEPOIS DE PAGOS 15 ANNOS, PODEREIS, EM QUALQUER MOMENTO, RESGATAR OS VOSSOS TITULOS POR QUANTIAS SUPERIORES ÁS IMPORTANCIAS CAPITALIZADAS;

PORQUE — no caso de desejardes, no final de 15 annos retirar sómente os lucros e continuar com os vossos titulos em vigor, não tereis de pagar mensalidades senão durante mais 8 annos, pois todos os titulos ficam isentos de qualquer pagamento depois de 23 annos;

PORQUE — mesmo depois de entrar no gozo da isenção de pagamentos, vossos titulos continuarão a participar dos sorteios que se realizam em publico, no ultimo dia util de cada mez;

PORQUE — a SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO assume para com os portadores dos seus titulos a obrigação de pagar o capital garantido nos mesmos se não forem contemplados em nenhum dos 360 sorteios realizados durante a vigencia do contracto;

PORQUE — FINALMENTE, E' O MAIS PRATICO E O MAIS VANTAJOSO SYSTEMA DE ECONOMIA AO ALCANCE DE QUALQUER PESSOA.

PROSPECTOS, INFORMAÇÕES e acquisição de titulos na SÉDE SOCIAL

RUA DO OUVIDOR, ESQ. DE QUITANDA

(Edificio Sul America) — OU COM OS INSPECTORES E AGENTES

MÃO CHEIA

Colette rubrica alegremente os seus livros e não teme a objectiva. Mas, ao lado della, está uma amiga muito discreta...

MAXIMO GORKI E O AVÔ

DEPOIS da morte de seu pae, Maximo Gorki foi educado pelo avô, que procurava dar ao neto uma rigorosa educação religiosa. O pequeno Maximo nem sempre estava de accordo com isso. Desesperado, o avô lhe disse, um dia:

— Si continuas assim, não nos encontraremos no céo.

— Peccaste tanto, vôvô? — perguntou o futuro romancista, olhando com commiseração o digno velho.

Depois de negar-se durante dezoito annos, o violinista Kübelik acceitou tocar para gravação de disco. Esta photographia foi tirada no dia em que gravou pela primeira vez.

ESCRIPTORES PROLETARIOS

Acaba de apparecer uma folha mensal, o *Bulletin des Escrivains Prolétariens*. E' o orgão do Grupo de Escriptores Proletarios da lingua franceza que se organisou em Janeiro e que já reune um certo numero de jovens escriptores de talento: Louis Guilloux, Eugéne Dabit, Henry Poulaille, Tristan Remy, Marc Bernard, Edouard Paisson, George David, etc., etc.

Esse grupo não se apresenta como uma escola litteraria que busca no proletariado novos assumptos de romances. A intenção é reunir os escriptores que "fazem penetrar na litteratura o espirito de revolta que anima as camadas sociaes das quaes elles saem e ás quaes reclaram querer continuar fieis. Herdeiros e defensores de todos os valores humanos que os precederam, actuaes ou a virem a ser, sentem que lhes cabe a missão historica de representar o mais alto grão de humanidade da nossa época, que têm obrigação de se levantar violentamente contra aquelles que quizerem se esforçar para interromper a evolução humana barrando a estrada do poder para o operariado".

COLECÇÕES...

A mania de fazer colecções é uma forma pacata de loucura. Existem criaturas que possuem colecções extranhissimas: moscas, caixas de phosphoros, ossos, colchetes velhos, maridos, etc., etc... Outras, menos originaes, guardam selos, moedas, autographos, etc.... Conta agora uma revista de Berlim que ha lá, perto de Tiergarten, um dentista, Hans Sachs, que colecciona palitos. "E' uma colecção riquissima, na qual se póde admirar palitos da época romana, maravilhosamente cinzelados; do seculo XIV, em prata com ornamentos gothicos; um pouco mais tarde, palitos em fórma de gládios, de cruzes, como ornatos, virgens ajoelhadas ou serpentes entrelaçadas. Os da época do romantismo têm o aspecto de gondolas venezianas e da cabeça de Napoleão"...

MARIDO ORIGINAL...

Uma senhora ingleza passeando num cemiterio dos arredores de Londres, descobriu o seguinte epitaphio sobre uma sepultura: "Como lembrança fiel da minha querida esposa Jenny, falecida a 20 de Maio de 1926. William Crawshay Ralston".

Para qualquer pessoa esta inscripção nada teria de extraordinario, mas a amorosa da cidade dos mortos era a esposa divorciada de William Crawshay Ralston, familiarmente tratada pelo nome de Jenny.

A pobre ingleza pensou estar sendo victima de um pesadello. Estaria viva ou morta? Passeava nas ruas do cemiterio ou estava enterrada nelle?...

Correu, pedindo socorro. O ex-marido preso e interrogado, declarou que mandára fazer aquella inscripção para ver se assim se convencia de que a mulher já não era deste mundo e se consolava de a ter perdido...

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos áccessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifesîam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

MORRO DA FAVELLA
Desenho de Josefovics

De André Maurois

TODO homem sabe que os outros se enganam quando o julgam, mas não sabe que se engana quando julga os outros.

Henry James, grande psychologo, homem grave, gostava muito de *potins*. "E' só por elles, dizia, que aprendemos qualquer coisa sobre o homem."

Os inglezes, depois de Wilde, descobriram o segredo de fazer do paradoxo um lugar commum.

Walpole dizia do marechal Richelieu: "Todos riem antes de saber o que elle diz e têm razão, porque com certeza não ririam depois." Phrase applicavel á maioria dos homens de espirito profissionaes.

Elle teme tanto não ser o unico a falar que, quando se interrompe um instante, estende a mão, como os inspectores de vehiculos, e pára em linha respeitosa as phrases que iam sahir das outras boccas.

Schumann, um dia, levou uma mulher para um passeio de barca e, durante duas horas, não pronunciou uma unica palavra. Mas, ao deixal-a, disse: "Como nos entendemos bem hoje!"

As ousadias amorosas devem ser executadas e não faladas. Os gestos são menos assustadores do que as palavras, e o silencio proteje a pureza no plano intellectual.

Rivarol, preparava de manhã, na cama, as suas improvisações da noite. Escrevia os epigrammas em cartões que collocava no quadro dos espelhos e decorava-os emquanto fazia a barba.

Dr. José Perruci Junior, que foi assistente do Prof. Fernando de Magalhães na Pro-Matre. Está agora trabalhando em S. Paulo

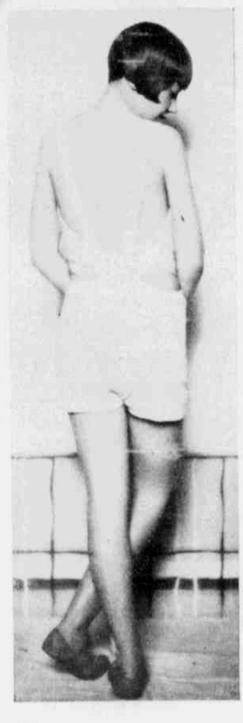
Nossa Nutrição

Augusta Soares Monteiro

Nutrição das crianças — Variae o mais possivel a alimentação de vossos filhos, para que o comer não se torne monotono e para que a criança não sinta que come por obrigação, mas que tenha prazer e vá alegre sentar-se á mesa.

Escolha sempre um prato simples, que alimente, que esteja bem cozido, alegremente ornamentado. Deixe que a criança se acostume somente a comer o que lhe agrade e faça bem. Seja pontual no horario das refeições. Sirva os alimentos, dispondo-os de modo agradavel, e em pequenas quantidades. Deixe a criança alimentar-se sósinha, logo que o possa fazer; isso lhe dá uma idéa de independencia. Varie sempre as côres das sopas, usando caldo de espinafre para a tornar verde, coldo de tomate para a tornar vermelha ou rosa, batatas para ficar branca, fubarina pra amarellar, etc. As crianças merecem todo cuidado.

Bolinhos para merenda das crianças. Pão de minuto — 7 colheres de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, 1 colher de assucar, meia chicara de leite, 1 colher de chá de sal e 1 colher de royal. Misture tudo, abra a massa da grossura de 2 centimetros, corte com um calice e leve para assar em taboleiro polvilhado. Forno regular.

Bolinhos ligeiros — 125 grs. de farinha de trigo, 125 grs. de assucar, 125 grs. de manteiga, 3 ovos, 1 colher de chá de royal. Faça como qualquer bolo e leve a assar em forminhas bem untadas de manteiga.

Para tomar banho de sol

Bolinhos de creme de arroz — 6 ovos, 150 grs. de assucar, 100 grs. de manteiga, 200 grs. de amendoas moidas, 50 grs. de creme de arroz. Bata bem os ovos com o assucar, depois junte a manteiga e o resto dos ingredientes. Leve a assar em fôrmas bem pequenas untadas de manteiga. Forno regular.

Bolo negro — 450 grs. de farinha de trigo, 1 copo de leite, 1 colher de manteiga, 4 ovos, 1 calice de caldo de laranja, 1 calice de caldo de abacaxi, meio pires de amendoas torradas e partidas, meio pires de nozes moidas, meio pires de passas sem sementes, 1 colher de royal, 450 grs. de assucar mascavo, baunilha e noz moscada.

Ferva o leite com a manteiga e ainda quente vá juntando a farinha. Depois vá quebrando os ovos dentro da massa; amasse bem e misture o resto dos ingredientes. Leve a assar em fôrma bem untada de manteifa. Glace com suspiro.

Biscoitos Garysinhos — 1 pacote de maizena, 2 gemmas, 4 colheres de assucar, 1 colher de manteiga, leite de um côco, uma pitada de sal. Tire o leite do côco em agua, amasse tudo junto, e não ficando a massa bem macia, junte mais uma colher de manteiga. Faça bolinhas pequenas, deite em taboleiros untados de manteiga e leve a assar em forno regular.

E este o caracter dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damninha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo caracteristico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ão infallivel remedio

A Saude da Mulher